



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFPA-CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KELCIA NUNES DA SILVA
ZENILDO CORRÊA PINHEIRO

**DESAFIOS E CAMINHOS DE EDUCAR PARA A DIVERSIDADE:
INCLUSÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS NO CONTEXTO DA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL “FONTE DO SABER”**

CAMETÁ-PA, DEZEMBRO DE 2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/UFPA-CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KELCIA NUNES DA SILVA
ZENILDO CORRÊA PINHEIRO

DESAFIOS E CAMINHOS DE EDUCAR PARA A DIVERSIDADE:
INCLUSÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS NO CONTEXTO DA ESCOLA
DE EDUCAÇÃO INFANTIL “FONTE DO SABER”

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a Faculdade de Educação do Campus
Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá
como exigência parcial para a obtenção do
Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob
a Orientação da Prof^ª. Dr^ª. Benedita Celeste de
Moraes Pinto.**

CAMETÁ-PARÁ, DEZEMBRO DE 2011



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DESAFIOS E CAMINHOS DE EDUCAR PARA A DIVERSIDADE:
INCLUSÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS NO CONTEXTO DA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL “FONTE DO SABER”

KELCIA NUNES DA SILVA
ZENILDO CORRÊA PINHEIRO

Prof^ª. Dr^ª. Gilcilene Dias da Costa
Membro da Banca

Prof. Dr. Valdinei Alburquerque Miranda
Membro da Banca

Prof^ª. Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

CAMETÁ-PARÁ, DEZEMBRO DE 2011

Á Maria das Graças e ao Lenir Nunes, meus pais amados.

Pela boniteza do esforço em proporcionar aos seus filhos o estudo... e pelo incentivo....

e torcida nessa caminhada de longas e belas narrativas.

Kelcia Nunes

Ao meu pai Raimundo dos Prazeres Pinheiro
e minha mãe Maria dos Reis Freitas pinheiro,
os principais incentivadores de minha
trajetória como estudante.

Zenildo Corrêa Pinheiro

AGRADECIMENTOS

Vamos lá! Um agradecimento especial ao silêncio das vozes, as quais foram de grande importância na minha vida estudantil e principalmente na vida em sociedade: meus pais Lenir e Maria, seus silêncios gritantes paulatinamente me ensinou a delicadeza e as contradições das relações e principalmente por ter iniciado, com toda a sua beleza, essa trilha chamada estudo.

Aos meus irmãos: Keutom por fazer da vida, sonhos intermináveis e por fazer de suas lutas diárias esperança em alcançar suas idéias metamorfoseadas sempre. Sua simplicidade ensinou-me a sonhar. A Kecieni, (imã e madrinha) para mim sempre vai ser minha inspiração a ela agradeço as conversas que tivemos em relação a esse trabalho, foram poucas, mas foram essenciais em sua construção. Aos meus irmãos Kelvis e Kelvia (os eternos pequenos da casa), por fazer os dias em nossa família, mais alegres; ele faz da vida uma suave brincadeira e ela por transformar os momentos de angústias e de desespero em uma calma. Eles me ensinaram que um dia sem sorrisos é um dia perdido.

Em Mocajuba na temporada do curso fiz algumas amizades, as quais tornaram a vivência mais tranqüila. Portanto os meus sinceros agradecimentos para: Dona Socorro e senhor Edir, por me acolher em sua casa nos semestres em que eu estava sem “rumo” e pelo incentivo e admiração nessa caminhada. À dona Conceição pelo cuidado ilimitado que tivera, principalmente nesses últimos meses, os quais foram de grande prestígio na finalização deste trabalho. Não posso deixar de ressaltar que também foi lá que conheci meu boneco, como costumo falar – Thiago, meu parceiro em todos os momentos, sua paciência na escuta de leituras e incentivos durante esse estudo, assim como sua dedicação, carinho e aconchego nesse caminho. Com ele aprendi que as dores e os sorrisos... tudo faz parte.

A turma de pedagogia 2007, pela diversidade de idéias e as diferenças culturais, com eles entendi que não há a necessidade de mudança de comportamentos para ser aceito em determinado grupo, se este compreender as diferenças culturais.

A amiga Ariana, uma grande companheira no início do curso, seu jeito tranqüilo me fez ter esperança e suportar as angústias das relações culturais presentes na turma.

Ao amigo Zenildo, pela ajuda e trocas de idéias, as quais foram essenciais durante o curso.

A equipe “os valenada”, as nossas brincadeiras e discussões durante os trabalhos fizeram os dias serem mais alegres.

A minha querida Ana, que fez em algumas vezes, certo intercambio entre mim e a turma de história e assim pude participar de alguns eventos da turma. Pelos dias em que dividimos a moradia e as saudades dos familiares. Valeu as conversas e principalmente o respeito à individualidade.

A amiga Barta, pelo companheirismo nos momentos conflituosos em que me encontrei.

A professora Celeste Pinto, pela preciosa orientação na pesquisa de campo e na escrita deste trabalho: seus “puxões de orelha” no transcorrer da construção desse texto foram fundamentais.

Uma gratidão especial a equipe da escola pesquisada por nos acolher e fornecer os dados da pesquisa, sem os quais a construção desse trabalho seria impossível. As crianças que com suas inquietudes e brincadeiras tornou a pesquisa mais interessante.

Por fim a todos que diretamente e indiretamente contribuíram para essa formação.

Kelcia Nunes

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me abençoou em vários momentos da minha vida e que na racionalidade dos novos tempos é quem dá sentido à razão e à existência humana.

Ao meu pai Raimundo dos Prazeres Pinheiro e minha mãe Maria dos Reis Freitas Pinheiro, os principais responsáveis pela minha luta de dedicação e incentivadores de minha trajetória como estudante. Os meus verdadeiros mestres.

A todos os meus familiares que me ajudaram e incentivaram nos momentos de dificuldade.

A todos os meus amigos e colegas de graduação, especialmente a Kelcia parceira de TCC, pela amizade sincera e verdadeira e a equipe “Os Valenada” que me proporcionaram momentos inesquecíveis e que sempre torceram por mim.

Aos meus amigos(as) do curso de pedagogia que vieram de outras cidades estudar em Mocajuba, que muito me ajudaram consideravelmente no decorrer do curso.

A minha filha Luciely Corrêa Pinheiro e sua mãe Luciane Mota Corrêa, pela sua compreensão e carinho.

A “Escola Fonte do Saber” e a todos os funcionários que contribuíram com suas informações, que serviram de suporte para a pesquisa que ajudaram na realização deste trabalho.

A professora Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto, pelas preciosas contribuições na construção deste trabalho, obrigado pelo incentivo e confiança, e pela orientação extremamente produtiva e motivadora.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores(as) que muito contribuíram para a minha formação, se destinam, também, a todos que, de alguma forma contribuíram no decorrer do curso dando-me incentivos, forças, coragem nos momentos de desânimo e fraqueza para que eu permanecesse até o fim do curso, para a realização deste trabalho.

Zenildo Corrêa Pinheiro

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”

Nelson Mandela

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
CAPITULO I: OS DESAFIOS: CONFECÇÕES DOS MATERIAIS E DO PROCESSO METODOLÓGICO.....	18
1.1. Desafios de pesquisa: o encontro das vozes das crianças.....	19
1.2. Caminhando para as entrevistas das crianças.....	20
CAPITULO II O NEGRO E A ESCOLA.....	23
2.1. Racismo e invisibilidade e silenciamento dos negros.....	24
2.2. O negro no Brasil: a questão do branqueamento.....	26
2.3. História da criança negra na barbárie da escravidão.....	27
2.4. Os percalços para inclusão do negro na escola.....	29
2.4.1 A criança negra na escola.....	33
2.4.2. A negritude nos livros didáticos.....	36
CAPITULO III: A ESCOLA: UM ESTUDO NA EMEI FONTE DO SABER.....	37
3.1. Entrando e observando o cotidiano das crianças no espaço escolar.....	38
3.1.1. A pesquisadora e as crianças.....	39
3.1.2. O pesquisador e as crianças.....	41
3.1.3. Analisando os olhares.....	43
3.2. A educação no município de Mocajuba.....	44
3.3. A comunidade em que a escola está inserida.....	46
3.4. Histórico da escola.....	47
3.4.1 Estrutura física da escola.....	47
3.4.2. Estrutura didático-administrativa.....	48
CAPITULO IV: AS CRIANÇAS NEGRAS: O CASO DA EMEI FONTE DO SABER.....	50
4.1. As percepções dos sujeitos escolares sobre o preconceito racial na educação infantil.....	51

4.2. As crianças negras e as vivências “pedagógicas” na Escola Fonte do Saber.....	55
4.3. As representações das crianças negras na Escola Fonte do Saber.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
Escolas visitadas.....	66
Referencia bibliográfica.....	66

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a inclusão de crianças negras na educação infantil, para tanto, fez-se uso da pesquisa de campo no lócus da Escola Municipal de Educação Infantil Fonte do Saber, no Município de Mocajuba-Pa. Como instrumentos de coletas de dados, utilizamos a observação e a entrevista semi-estruturada, realizadas através de algumas palavras-chave, que aplicamos as crianças, mediante foto-imagem, e aos demais funcionários da referida escola: diretora, professoras e servidores de apoio. Este estudo objetivou também proporcionar uma discussão em relação à construção da identidade racial da criança negra no contexto escolar levando em consideração a Lei nº 10.639/03. Constatamos que o ambiente escolar apresenta práticas racistas, que se revelam não só entre as crianças, mas também entre os demais funcionários da escola. Neste sentido, nossa pesquisa mostrou que há uma ausência da inclusão da criança negra e da construção da identidade na educação infantil. Portanto, os resultados deste estudo contribuirão para a reflexão sobre a criança negra na educação infantil, sua representatividade no universo da linguagem verbal e não-verbal, na sala de aula, nos corredores e nas “praças”, demonstrando quanto é indispensável o trabalho referente às questões étnico-raciais em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Criança negra, Representatividade; Identidade.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo reflete sobre a prática da equipe pedagógica com relação a inclusão da criança negra no contexto da Escola Municipal de Educação Infantil Fonte do Saber, no Município de Mocajuba – Pa, e suas contribuições acerca de ser uma instituição formadora de opiniões. Pois, tem uma grande participação na construção de personalidades, uma vez que esta é a primeira etapa da educação básica, ou seja, é o primeiro contato da criança com o espaço social, caracterizado por escola. Nesse sentido, é conveniente enfatizar Vigostsky (1984), por defender que os sujeitos constroem-se nas relações sociais e a partir do outro.

Educar para a diversidade, com foco para a inclusão da criança negra, é uma prática, que nos últimos anos vem sendo presente em algumas escolas do Brasil. É um tema que recentemente está sendo discutido pelos sujeitos educacionais, estando presente em alguns estudos como o de TELES (2008), LOPES & BRITO (2003), MENEZES (2002), CARRANÇA (2006). É importante salientar que o tema das Relações Étnico-Raciais apresentou um maior debate nas escolas a partir da promulgação da Lei nº. 10.639/03, que alterou a Lei nº. 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

O nosso interesse pela temática da educação para a diversidade racial começou a partir de um longo diálogo com a estudante Kecieni Nunes da Silva¹. Na ocasião, falávamos sobre a história do negro no Brasil, principalmente o seu ingresso no sistema educacional, dando ênfase às dificuldades enfrentadas por eles. Mas cabe aqui elucidar que a motivação maior, com relação ao assunto, cresceu ainda mais a partir da leitura do artigo, “É Possível Trabalhar a Inclusão, Reconhecendo a Diversidade Racial”, de Flavio Carrança, onde são relatados trabalhos belíssimos de professores, com o intuito de re/elaborar novos conceitos de representações sociais em relação as crianças negras.

A leitura deste artigo nos permitiu problematizar algumas questões em torno da educação das crianças negras da educação infantil: Como o preconceito racial se

¹ Na época estava graduando o curso de ciências sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Marabá. Atualmente é professora da disciplina de sociologia no Ensino Médio.

manifesta na educação infantil? Como se dá a participação da criança negra nos eventos da escola? Quais processos metodológicos são utilizados para o exercício do respeito e valorização da diversidade racial? Como se dá a relação sócio-afetivo das crianças negras no espaço escolar? A escola está sendo neutra, ou melhor, está silenciando diante de manifestações de preconceito e/ou discriminação?

Partindo dessas inquietações, este estudo teve, portanto, como objetivo geral analisar a inclusão de crianças negras na Escola Municipal de Educação Infantil Fonte do Saber, no Município de Mocajuba – Pa. E como objetivos específicos: observar quais as representações que as crianças negras fazem delas mesmas; identificar quais as representações que crianças brancas fazem de crianças negras; observar se há estratégias da escola para diminuir ações preconceituosas em relação às crianças negras; verificar se há uma relação diferenciada entre professor/a e as crianças.

Ao nos propor inquirir as crianças negras, tínhamos como propósito fundamentar a nossa pesquisa de campo em uma escola que atendesse uma porcentagem significativa dessas crianças, para assim podermos ter uma amostragem maior. Haja vista que o nosso objetivo era saber como a criança negra é incluída no ambiente educacional em que faz parte. Na elaboração do projeto de pesquisa escolhemos a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil Lauro Sabbá para ser o lócus de pesquisa do nosso estudo. Ressaltamos que a escolha da EMEFEI Lauro Sabbá não foi aleatória, se deu devido a mesma estar situada em um bairro construído por remanescentes de quilombolas (conhecido como Bairro do Arraial) e por sua representação histórico e cultural na construção do município de Mocajuba. Contudo, ao depararmos com o ambiente, ou seja, ao nos colocarmos em contato com as turmas de educação infantil, constatamos que as mesmas não ofereciam uma amostragem suficiente para o desenvolvimento da pesquisa de campo, ou seja, as turmas eram constituídas em sua maioria por crianças pardas e brancas, havendo um número menor de crianças negras, isso é, em algumas turmas a representatividade das crianças negras era de uma a duas, na maioria das turmas a representatividade era negativa.

Nossa intenção, naquele momento, era de encontrar uma turma de jardim II com uma amostragem significativa de crianças negras. E já que a escola que tínhamos imaginado para desenvolvimento da pesquisa não atendia a nossa perspectiva, resolvemos então fazer uma visita às outras escolas de educação infantil do município de Mocajuba, com o propósito de fazermos uma observação prévia e, principalmente,

com intuito de encontrarmos uma amostragem maior de crianças negra e assim podermos fazer uma observação mais longa, e por seguinte realizar nosso trabalho.

Além da Escola Lauro Sabbá, estivemos fazendo visita previa em mais quatro escolas, que abrange a educação infantil. Na primeira escola havia uma única turma de educação infantil, composta por vinte discentes, sendo que nela havia somente um estudante com traços negros. Na segunda, diferentemente da primeira, funciona apenas educação infantil. Nessa instituição, também, diagnosticamos pouca presença de crianças negras. Pois, das três turmas desta escola que observamos vimos que no total de setenta e quatro crianças havia apenas três crianças negras, sendo distribuída da seguinte forma: uma na turma *A* e duas na turma *B*, já a turma *C* tinha total ausência de crianças negras. Na terceira e na quarta escola visitada, também encontramos dificuldades em detectar um número maior de crianças negras. Contudo, é importante frisar que as turmas das escolas pesquisadas são compostas no total de quarenta e três crianças, e não há nenhuma criança negra.

Após a visita nas cinco escolas de Educação Infantil, foi preciso sentar e conversar sobre a nossa observação e assim vermos como poderíamos dar continuidade a nossa pesquisa de campo. Haja vista, que a intenção inicial da nossa proposta de pesquisa não estava sendo alcançada em sua totalidade. As indagações tornaram-se maiores, afinal, nos deparamos com uma situação completamente diferente da qual tínhamos imaginado. As perguntas tinham se estendido para além da nossa problemática inicial, pois, para começar não tínhamos nenhum lócus de pesquisa definido. E como realizar nosso estudo, se pretendíamos ter uma amostragem maior de crianças negras em sala de aula? Onde estavam essas crianças?

Depois de todas essas indagações era preciso que definíssemos alguns pontos, principalmente, no que tange o lócus da pesquisa. Então, como ponto inicial, optou-se pela estratégia de eliminação de escolas, ou seja, retirar as que menos abrangiam o nosso objeto de pesquisa. Como requisito, além da quantidade de crianças negras, utilizou-se: o bairro em que a escola está inserida (pois a pesquisa destinava-se para um bairro distante do centro da cidade); o espaço escolar; e por ultimo foi, as etapas de ensino que se fazem presente na escola.

De acordo com os requisitos estabelecidos, de analisarmos cada escola visitada, a qual chamou-nos um pouco mais de atenção em relação ao nosso objeto de pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Infantil Fonte do Saber. Já que esta instituição de ensino fica em um bairro um pouco mais distante do centro e abrange somente a

Educação Infantil. Ressalta-se que esta escola tem um espaço completamente irregular para atender as especificidades das crianças, ou seja, não há uma estrutura física e nem um espaço adequado para que ocorra um ensino integral das crianças. Outro dado que, também, levamos em conta para a seleção da escola, está relacionado aos fenótipos das professoras das duas turmas de jardim II, pois uma era branca e a outra era negra. E, com essa percepção, vimos a necessidade de fazer um pequeno estudo referente a concepção das crianças em relação as professoras.

Finalmente, com o lócus de pesquisa definido, foi necessário montarmos a nossa ação, ou seja, as brincadeiras e as dinâmicas, que foram desenvolvidas nesse primeiro momento, com o objetivo de integração entre nós e a turma para assim termos uma melhor aceitação de todos. Visto que, em se tratando da investigação em espaços educativos com crianças pequenas é fundamental que os pesquisadores desenvolvam a confiança dos atores da escola.

A pesquisa direcionada à prática de uma educação para a diversidade indicou a necessidade de um estudo do tipo descritivo e reflexivo. Como pretendíamos desvendar a prática da inclusão da criança negra no contexto da Escola Fonte do Saber, adotemos os pressupostos dos estudos etnográficos, que objetiva registrar, estudar, analisar, entender, criticar as atitudes de preconceitos a partir da teoria e da prática dos sujeitos inseridos nessa escola.

Considerando essa opção, estivemos diante de uma abordagem qualitativa, a qual apresenta características específicas, que foram consideradas ao longo do estudo. Ressaltando, conforme afirma Bogdan, que a pesquisa qualitativa é um olhar para a subjetividade e não para o estatístico, ou seja, valorizar o indivíduo no contexto em que está inserido (BOGDAN, 1991).

Seguindo os passos expostos, o presente trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil Fonte do Saber, no município de Mocajuba/Pará. Participaram como informantes estudantes, professores, gestor escolar, agente de portaria, serventes e a coordenadora pedagógica. Destacamos que a observação não foi restrita apenas a esses grupos citados acima, mas sim, se estendeu para toda a equipe da escola pesquisada.

Visando o levantamento inicial do conhecimento sobre a educação anti-racista, a coleta de dados ocorreu através de observação no lócus de pesquisa e de entrevistas. Como se refere Ludke, a observação é o principal método de investigação, pois possibilita um contado direto do pesquisador com a realidade estudada, isso contribui

para uma melhor experiência e verificação direta do fenômeno pesquisado. Dessa maneira o observador poderá acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e apreender a visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cercam e as suas próprias ações (LUDKE, 1986).

No primeiro momento, e no decorrer da pesquisa, fizemos observações a respeito das relações entre os estudantes e também entre professor/estudante, para assim compreendermos como ocorre a relação afetiva e social entre as crianças. As observações do cotidiano foram descritas cuidadosamente, considerando-se os eventos, as atitudes, as discussões, as reuniões, enfim, o que acontecia no dia-a-dia da escola. Neste sentido, os registros das observações foram feitos em um diário de campo, utilizou-se como recurso auxiliar no registro de falas e reuniões um gravador de voz. Portanto, utilizamos como principal instrumento de pesquisa e coleta de dados, mediante entrevistas semi-estruturadas que, segundo Chizzotti, “é um discurso livre orientado por algumas perguntas-chaves” (CHIZZOTTI, 1991, p. 45) para que, assim, os sujeitos pudessem discorrer livremente sobre o assunto.

Neste sentido, para que pudéssemos coletar informações das crianças, utilizamos algumas estratégias de entrevistas, como por exemplo, fizemos uso de bonecos(as), foto-imagens, desenhos e histórias. E, na perspectiva de alcançar nossos objetivos, estivemos em trabalho de pesquisa na Escola Municipal de Educação Infantil fonte do Saber nos meses de julho, agosto, novembro e dezembro de 20011, coletando os dados que, após serem analisados, resultaram no presente trabalho, que ora apresentamos. Este está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo, “*Os Desafios: Confeções dos Materiais e do Processo Metodológico*” traz uma discussão sobre a forma de como devemos elaborar as estratégias de ações para sermos aceito no mundo das crianças, principalmente, no que refere ao uso da linguagem verbal e não verbal. Pois, as crianças pensam o mundo de um jeito especial e muito próprio. Discorreremos também sobre o processo metodológico usado para a realização das entrevistas com as crianças de educação infantil da Escola de Educação Infantil Fonte do Saber.

No segundo capítulo, “*O Negro e a Escola*” fazemos breves comentários sobre a trajetória dos negros no Brasil. Neste capítulo, também, analisamos questões relacionadas a história da criança negra no Brasil, dando destaque para a discussão sobre a exclusão, resistência e inclusão do segmento negro na escola. Nessa linha destacaremos minúcias da Lei 10.639/03. Destacamos a escola como um meio que pode

e deve proporcionar às crianças a história do povo brasileiro, não aquela onde o negro é sinônimo de “coisa ruim” ou com o que há de pior. Mas, de um povo que tem um passado de histórias, de conquistas, de sonhos, e que muito contribuíram, e contribui, para o crescimento e desenvolvimento do nosso país.

No terceiro capítulo “A Escola: um estudo na EMEI Fonte do Saber” relata como se deu a nossa entrada e aceitação no lócus da pesquisa. Assim como, faz uma breve descrição da escola.

O quarto capítulo, “*As crianças negras: o caso da EMEI Fonte do Saber*” aborda as visões dos profissionais a respeito do preconceito racial na educação infantil, assim como as vivências desses sujeitos: professoras, diretora, serventes, agente de portaria e crianças)² na escola. Desta forma, as narrativas dos sujeitos escolares possibilitam, neste capítulo, se fazer uma reflexão sobre o trabalho pedagógico no que se refere a inclusão e a identidade das crianças negras. Neste sentido, nossa pesquisa mostrou que há uma ausência da inclusão da criança negra e da construção da identidade na educação infantil. Sem dúvida, os resultados do presente estudo contribuirão para a reflexão sobre a criança negra na educação infantil, sua representatividade no universo da linguagem verbal e não-verbal, na sala de aula, nos corredores e nas “praças”, demonstrando quanto é indispensável o trabalho referente às questões étnico-raciais em sala de aula.

² Metodologicamente decidimos usar letras e números para designação de cada sujeito, com vista em preservar sua identidade, uma vez que seus relatos são sobre suas vivências e suas frustrações no ambiente escolar.

I CAPITULO

OS DESAFIOS: CONFECÇÃO DOS MATERIAIS E DO PROCESSO METODOLOGICO

1.1. DESAFIOS DE PESQUISA: O ENCONTRO DAS VOZES DAS CRIANÇAS

A linguagem com as crianças deve ser planejada cuidadosamente, pois a mesma tem forte contribuição na construção da subjetividade. A partir de tal questão, foi preciso montar a nossa estratégia de ação, pois ao se tratar de pesquisar crianças é preciso ir além de “lidar com e desenvolver a confiança de uma série de educadores adulto; obter conhecimento do funcionamento da estrutura social, da natureza das relações interpessoais e das rotinas diárias no local, ganhando aceitação de professores e alunos” (CORSARO e MOLINARI, 2005 p. 194). É de fundamental importância adequar a linguagem verbal e, sobretudo, a linguagem não verbal, pois as crianças pensam o mundo de um jeito especial e muito próprio. É a partir das relações que estabelecem com a realidade em que convivem com o meio familiar e com as pessoas, que necessitam se relacionar no cotidiano, que elas passam a “ler” e compreender o mundo. E foi nessa perspectiva, de entender melhor as vivências das crianças e de coletarmos dados suficientes para a realização do trabalho que tivemos que adequar as entrevistas de acordo com a idade delas. Pois, quanto menor a criança, mais refinadas precisam ser as estratégias de abordagem do tema. É preciso trabalhar de acordo com o grau de desenvolvimento delas. E um dos princípios que usamos foi que essa é a faixa etária da construção de conceitos, construção de identidade.

O nosso primeiro desafio foi gerar um conhecimento mais sólido com relação ao assunto, uma vez que não tivemos formação suficiente no magistério e nem na universidade para trabalhar com a temática das relações raciais, haja vista que este é um assunto que vem sendo debatido com mais frequência após a lei 10.639/2003, a qual instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e culturas africanas e afro-brasileiras, mudando em 2008 para lei número 11.645/2008, quando incorporou também a obrigatoriedade do ensino de história e cultura dos povos indígenas. Assim como, o acesso em relação a materiais, onde poucos eram os trabalhos envolvendo a criança de educação infantil. Como a nossa pesquisa estava voltada para o encontro das vozes das crianças menores, ouvindo e escrevendo seus relatos, foi preciso irmos em busca de metodologias adequadas para coletar os dados que caracterizavam os sujeitos da pesquisa.

Um dos meios para a realização das entrevistas foi a utilização de fotos-imagens e bonecas(os). Mas, ao nos propor para confeccionar esses materiais, notamos na prática a pouca presença, nos livros e revistas, de figuras de crianças negras e as que achávamos demonstravam um aspecto de subalternidade em relação ao branco. Chegamos a conclusão de que os negros aparecem de forma preconceituosa e estereotipada na maioria dos livros e revistas. Da mesma forma, quando saímos nos armarinhos e supermercados à procura de bonecas(os) negras(os), vimos o quanto há a descaracterização da negritude em nossa sociedade. Já que nas seções de brinquedos notamos a desigualdade percentual de bonecas negras em relação as brancas. Fomos a diversos lugares, percebemos que em uma seção inteira encontrávamos uma a duas bonecas negras. Por outro lado, observamos que em grande parte havia certa descaracterização do negro nas mesmas, ou melhor, a branquitude era bastante expressa, como por exemplo, olhos esverdeados, lábios finos, e narizes afinados.

1.2. CAMINHANDO PARA AS ENTREVISTAS DAS CRIANÇAS

A criança por menor que seja, vive desde cedo como sujeito de direitos e se experimenta como cidadã desde sempre. Mas é claro que isso não significa que crianças até cinco anos devam ser tratadas como um adulto em miniatura, nessa fase da vida as noções de cidadania devem ser trabalhadas de acordo com o seu estágio cognitivo. Nessa perspectiva, ao planejarmos as entrevistas com as crianças tivemos sempre o cuidado para adequar a linguagem de acordo com o mundo delas, de forma que instigasse melhor suas percepções sobre o mundo em que vivem, ou seja, que possibilitasse uma observação direta e uma compreensão do ponto de vista das crianças.

Mesmo utilizando a estratégia de dinamizar nossas perguntas, tivemos alguns desafios como, por exemplo, ao perguntarmos a uma das crianças entrevistadas (entrevista feita por foto-imagem): “o que você vai ser quando crescer?”, rapidamente ela respondeu: “adulta!”. Já outra disse: “ele vai ficar como homem.” Em outros casos de perguntas, como: por que você acha ela bonita? Por que você escolheu essa foto? E em outras que instigavam um pouco mais suas respostas, as crianças estagnavam e apenas respondiam: “porque mesmo” e “porque sim”. Para conseguirmos coletar

respostas maiores dos entrevistados foi preciso nos valer de diversas estratégias como, conversar sobre desenhos, brincadeiras e às vezes parar tudo e fazer pequenos lanches. Isso mostra que ao entrevistar crianças pequenas o pesquisador precisa estar sempre disposto a ouvir e a adequar sempre as perguntas de acordo com as respostas das crianças, pois o que uma pode entender rapidamente e fornecer suas narrativas, outras podem demorar um pouco mais.

Rousseau, ao definir a infância, a partir das etapas de desenvolvimento biológico, intelectual e moral da criança, chama atenção para o fato de que ela tem maneiras próprias de ver, pensar e sentir o mundo, que precisam ser consideradas no processo ensino-aprendizagem (ROUSSEAU, 1979). Isso significa deslocar o olhar do adulto como referencial, para a criança. A criança precisa ser respeitada em sua idade, precisa ser respeitada pela sua diferença, necessita ser escutada.

Aceitar e respeitar a diferença são uma dessas virtudes sem o que a escuta não pode dar. Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica (...) não posso evidentemente escutá-[los] e se não [os] escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de *cima para baixo*. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me *escutá-lo* ou *escutá-la*. O diferente não é o *outro* a merecer respeito é um *isto* ou *aquilo*, destratável ou desprezível (FREIRE, 1997, p. 136).

É válido ressaltarmos que a criança tem que ser respeitada na sua singularidade como pessoa, na especificidade de sua idade, a infância, e nas expressões de manifestações de seu contexto social, cultural e lingüístico. Mesmo tendo essa concepção, sentimos certa dificuldade na elaboração das perguntas, não apenas no fato de adequar nossa linguagem, mas, sobretudo no que tange a questão de ter diversas visões de estratégias metodológicas de aplicação dessas perguntas. Uma vez, que éramos convictos de que seria singular o entendimento dado as perguntas, pois o que uma criança poderia entender rapidamente a outra poderia demorar mais e/ou simplesmente necessitar de outra forma de expressão para uma melhor compreensão.

Outro caso importante a ser frisado, com relação às entrevistas, foi o fato de despertar nas crianças o interesse em participar, ou melhor, de apreendermos o olhar delas para as nossas perguntas. Haja vista, que em se tratando de crianças é comum se dispersarem facilmente, e isso foi bastante vivenciado por nós, principalmente por não termos um local mais adequado para realização das entrevistas. Visto que, o único

espaço que tínhamos era a frente da escola, onde fez-se necessário levarmos uma mesa e cadeiras para que pudéssemos coletar dados para a realização do trabalho. As crianças ficavam sempre olhando para quem passava na rua. Carros, motos, bicicletas, pessoas andando, tudo era motivo de apreender o olhar delas. Contudo, tivemos que fazer valer nossas experiências em sala de aula e propor estratégias metodológicas que as envolvessem no que estávamos propondo.

Podemos destacar aqui a forte influência e/ou contribuição do meio sócio-cultural em relação a formação do indivíduo, o fato das crianças dispersarem sua atenção por meio dos acontecimentos ao seu redor, é um exemplo de como se dar essa relação nos grupos sociais. Nessa linha, Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento humano acontece do nível social para o nível individual, o que implica enfatizar que o desenvolvimento humano exige necessidade de apropriação da experiência do outro para que possa existir a experiência individual. Sendo assim, a criança internaliza e socializa conceitos que circulam na sociedade (VYGOTISKY, 1991 & 2000).

Cabe elucidar aqui a construção da identidade, pois a mesma tem relação direta com o social, ao qual o sujeito pertence e não apenas com a individualidade. Desse modo não podemos dizer que o indivíduo é um ser isolado, mas sim um sujeito social. Desde muito pequenas, pela interação com o meio natural e social no qual vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões. Como integrantes de grupos socioculturais singulares, vivenciam experiências e interagem num contexto de conceitos, valores, idéias, objetos e representações sobre os mais diversos temas a que têm acesso na vida cotidiana, construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cercam (CARRANÇA, 2006).

Contudo, para que as crianças, não apenas as negras tenham uma formação adequada sobre sua identidade é preciso que elas conheçam a história do negro na constituição da nossa sociedade. E a escola pode e deve estar contribuindo para essa informação e formação.

II CAPÍTULO

O NEGRO E A ESCOLA

2.1. RACISMO, INVISIBILIDADE E SILENCIAMENTO DOS NEGROS

A formação da identidade brasileira, durante e após a barbárie da escravidão foi construída sob a imposição, supremacia de uma cultura sobre a outra, de modo unilateral, de cima para baixo, e sem respeito às diferenças. Supremacia essa, que ocorre ainda nos dias de hoje, mesmo após mais de 120 anos do fim da abolição, é notável a desvalorização que sofre a população negra desta nação ex-escravista que ainda hoje trás enraizadas, ideologias de uma raça sobre a outra, ou seja, uma relação de poder e de dominação (TENÓRIO e GASPARIN, 2009).

O racismo brasileiro do povo negro se deu, e ainda se dá, pelo processo de invisibilidade e silenciamento em que eles foram e são submetidos em nosso país. É “um racismo silenciado pela ideologia da democracia racial” (MUNANGA, 1996, p.80). Nessa linha de pensamento Dionária da Silva Santos³, em uma entrevista, expressa:

A questão do racismo ser velado é o que mais dificulta o combate a ele. Existem nos movimentos negros os intelectuais empenhados no combate ao racismo, no entanto ele não existe às claras. Vamos percebendo como o racismo acontece, seja no contexto educacional, seja na área da saúde, e muitas vezes a própria população negra acaba não percebendo e isso contribui para o racismo se reproduzir (BARROS, 2007, p.12).

O racismo atual caracteriza-se não mais por fundamentos biológicos como há séculos atrás. Mas passou a basear nas diferenças culturais e de marcas existentes, em que ocorre a hierarquização das raças, isso ocorreu também devido as falsas ciências, ao caracterizar o negro como seres inferiores, enfatizando que o intelectual e emocional estavam diretamente ligados ao fenótipo da raça. A cor da pele, o cabelo, a aparência física dizia se uma raça era superior ou inferior a outra (BESTES & AMADOR, 2004). Essa é uma das formas marcantes de racismo, preconceito ou de discriminação?

Nesse contexto, é de suma importância conceituar essas palavras para compreendermos melhor o significado de cada uma, semelhante atitudes sociais:

³ Pedagoga e militante do movimento negro de Jequié, BA.

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação as que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.

O preconceito é um subproduto do racismo, é um julgamento negativo, feito com antecipação, á pessoas vistas como diferentes e/ou de grupos raciais diferentes. Já a discriminação racial pode ser conceituada como o racismo na prática, isto é, o preconceito teoriza e a discriminação executa (GOMES, 2005, p. 52).

Ainda com intuito de conceituação é importante nos referendar em Bentes e Amador:

É bom lembrar que o racismo é uma espécie de doutrina que prega a existência de raças e que umas são superiores e outras inferiores; o preconceito, por sua vez, é um conceito prévio/preconcebido e tanto racismo quanto o preconceito estão no campo das idéias, já a discriminação racial é a pratica do racismo e do preconceito. A desigualdade racial, para nós, é a quantificação da discriminação (BENTES & AMADOR, 2004, p.17).

A discriminação acontece quando colocam o preconceito e o racismo nas atitudes práticas. Tais atitudes não são de agora, discriminação racial é uma ferida “sócio-racial secular”, a qual as escolas devem trabalhar com veracidade e compromisso. Pois, só assim será sarada ou no mínimo amenizada. Mas para trabalhar desigualdade racial, em forma de conscientização, é preciso conhecer a história dos nossos antepassados. A escola é uma das instituições que pode abrir o leque da valorização da cultura afro-brasileira, uma vez que ela tem grande contribuição na formação cognitiva, afetiva e social do indivíduo (CARRANÇA, 2006).

A escola precisa desenvolver práticas para a igualdade racial. Deve re/elaborar projetos em que sejam trabalhadas as atitudes de preconceito, os professores devem estar engajados nessa luta, sendo um educador pesquisador, a procura de novas metodologias com relação ao assunto, onde o objetivo central seja a valorização da diversidade racial. Dessa maneira, a escola estará contribuindo para que todos aprendam com o outro, onde o respeito mútuo seja o principal elo de interação entre as pessoas.

Nessa concepção a escola estará concebendo um ser humano como um ente político capaz de modificar sua realidade.

Apontando-lhes rumos para começar a construir uma nova vida, com melhores condições, exigindo inclusão social e respeito, tanto no que tange a sabedoria, luta e resistência do povo negro, quanto no que se refere à diversidade e diferenças éticas e culturas dos quais se constitui o povo brasileiro (PINTO, 2005, p.11-12).

2.2. O NEGRO NO BRASIL: A QUESTÃO DO BRANQUEAMENTO

Após muitas lutas contra o escravismo houve a abolição da escravatura no ano de 1888. Aos senhores foi pago indenizações e aos negros? É sabido que não foi dada a população negra nenhuma condição digna de sobrevivência, ao contrário deram o desemprego, o abandono, condicionando-os a viver em condições de miséria e precária (HASENBALG, 1979). A discriminação contra o segmento negro no Brasil não acaba quando ocorre a abolição da escravatura, aliás, foi apenas o começo da discriminação social, econômica e cultural da raça negra.

[...] O “negro” participou como raça das lutas sociais coloniais e pós-colônias e desde a escravatura até o fim do século XX, a nação brasileira organiza-se como um sistema de opressão “de uma raça sobre a outra”. A abolição da escravidão foi acompanhada pelo grande ciclo de imigração européia e japonesa para o Brasil. Uma das motivações originais do projeto imigratório, concebido duas décadas antes da Lei Áurea, era o “branqueamento” da população brasileira (MAGNOLI, 2009, p.332).

A classe dominante queria embranquecer a população do Brasil, pois achavam que o país já estava muito preto, isso também contribui com a desvalorização da cor negra. Esse, como os outros fatos, trouxe influência aos dias atuais. Estamos no século XXI e o negro tem enfrentado preconceitos severos, fazendo com que muitos acham que o jeito é ter mesmo que “clarear”, embranquecer. Com intuito de ser aceito, muitos procuram casar com pessoas mais claras, mulheres negras alisam os cabelos, pois acham

que é um meio de ficar mais parecida com uma pessoa branca. Agindo assim, passa a aderir outra identidade e cultura, renegando a que de fato a pertence (BARROS, 2007).

Esses estímulos de branquitude são em geral transmitidos pelo sistema social e as vezes, pela família. Tal tipo de ação conduz não apenas à desvalorização do “eu”, mas, acarreta intensa angustia, porque a pessoa não consegue corresponder às expectativas. Assim, a identidade do negro passou a ser lesada: ao se voltar para o seu próprio corpo encontra as marcas da exclusão, rejeição e, portanto, insatisfação e vergonha (MENEZES, 2002).

Somos levados a não gostar de nós mesmos; a ‘embranquecer’; a rejeitar as religiões de origem de nossos antepassados; a reprimir nosso jeito alegre de ser; a procurar não usar cores fortes e misturadas em nossas roupas. Somos ‘levados’ a negar nosso afro-ser e nossa cultura, enfim (BENTES & AMADOR, 2004, p. 61).

É preciso compreender que as características físicas de uma pessoa, como o fato de ter mais melanina na pele, cabelo pixaim, lábios carnudos e nariz achatado são diferenças, quando comparada a outras raças, mas não significam inferioridade. Que ser negro não significa defeito, mas apenas pertencer a uma raça que não é pior e nem melhor que outra, e sim, igual (CARRANÇA, 2006).

2.3. HISTÓRIA DA CRIANÇA NEGRA NA BARBÁRIE DA ESCRAVIDÃO

Mesmo o objetivo central de o escravismo ser a mão- de- obra para a produção açucareira, houve um tráfico bastante grande de crianças negras, onde os senhores capturavam- as para servirem de brinquedos, ou seja, serviam para alegrar os filhos dos donos de engenhos, uma distração tanto para as crianças como para as senhoras. Muitos consideravam a criança escrava como uma carga inútil e assim a abandonava, deixando as mazelas da sociedade, sem cuidados e atenção. Daí, quem sabe, se dá, o surgimento do menor abandonado. No entanto, para outros, tornou-se um trabalhador em potencial, um bem precioso a ser protegido e conservado. Havia também o fato de crianças negras serem separadas de sua mãe biológica logo após o parto, assim

a mãe ficava livre para amamentar os filhos dos senhores. Outras eram levadas para o trabalho árduo juntamente com a mãe, devido aos maus tratos e ao esforço físico, era muito grande a taxa de crianças escravizadas. Sendo assim, no regime escravista, o fato de serem crianças não as livravam dos maus tratos (MOTT, 1988, p. 22). Nas afirmações de Lopes & Brito, “eram castigadas, separadas de seus familiares, trabalhavam duro, ficando muitas vezes com marcas físicas dos castigos e do excesso de trabalho” (LOPES & BRITO, 2003).

A partir das lutas dos movimentos abolicionistas houve a aprovação da Lei Nº **2040 de 28.09.1871 - LEI DO VENTRE LIVRE**, que deixava “livre” todos os filhos de mulheres escravas nascidas após sua promulgação, em 28 de setembro em 1871. A Lei do Ventre Livre tinha como traço fundamental à ruptura definitiva do mecanismo de reprodução da mão-de-obra escrava. Esta lei representou um golpe na escravidão, e um marco, pois foi o início de uma longa luta na história da criança negra, existente ainda hoje na sociedade moderna. No entanto, esta lei não propunha a questão de como se daria essa “liberdade”, de quem seria a responsabilidade de cuidar, educar e promover a criança negra no contexto social. Muito pelo contrário, “o proprietário poderia fazer a opção de receber uma indenização de seiscentos mil réis por criança (em títulos do governo com rendimentos de 6%), ou, utilizar os serviços do menor até que este completasse 21 anos” (ZERO, 2003, p.23).

Esse, dentre outros fatos, contribuiu para o surgimento de algumas instituições com a finalidade de abrigá-las, as quais ficaram conhecidas pelo nome de “Roda dos Expostos”. Esta abrigava filhos de mulheres escrava que queriam livrá-los dos trabalhos escravos, filhos de coronéis, nascidos de relacionamentos com suas escravas e menores abandonados em geral. Mas a vivência nessas instituições era degradante, levando a um grande número de mortalidade, pois havia maus-tratos, pouca afetividade, pouca alimentação e uma precariedade condição de higiene (SILVA, ALVES & SANCEVERO, 2008; LOPES & BRITO, 2003).

Em meio a essa vida desumana que estabelecida a criança, pela a elite da época, ocorre a necessidade de fazer a pergunta que não quer silenciar. Como se dava o desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional da criança negra? Resumidamente, como era a educação para os negros?

2.4. OS PERCALÇOS PARA INCLUSÃO DO NEGRO NA ESCOLA

Em primeiro lugar, é importante fazer algumas considerações a respeito do que é educação, e para isso, recorremos a Brandão, que diz que é um processo de formação de um povo, que compreende várias formas, podendo ser apresentada em diferentes tipos de sociedade, onde a mesma não é restrita apenas ao espaço escolar, mas também em todos os lugares onde ocorre a transferência dos saberes entre gerações (BRANDÃO, 1995).

Considerando a escola como uma das principais superestruturas educacional, onde ocorre a transmissão do ensino de modo formal, reconhecido como meio de transferência do saber e um espaço sócio-cultural, onde convivem os conflitos e as contradições. Lugar que fundamenta a formação dos indivíduos para vários aspectos da vida social. Nesse aspecto de uma educação de qualidade, objetivando a formação do indivíduo é válido ressaltar o artigo 205 da constituição de 1988:

A educação, direito de todos e dever do estado e da família será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento das pessoas, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2006, P. 134).

Entretanto, é importante sabermos que nem sempre a educação tinha esse intuito de educar para cidadania, não para os negros, é claro. É certo que a constituição de 1988 é de um tempo diferente, mas o que cabe elucidar aqui é o descaso com a população negra, onde a mesma trabalhava, mas não tinha direito a nada muito menos a educação de qualidade, ou no mínimo equiparada com a oferecida aos brancos (LOPES & BRITO, 2003).

A educação na época da colonização se dava de forma dualista: uma para os brancos e outra para os negros. A população negra era impedida de freqüentar a escola formal, havia a negação ao direito a educação, através da Lei nº. 14 de 22/12/1837, que proibia os negros mesmo que libertos a ingressarem nas escolas públicas. Essa Lei era uma forma a mais, de oprimir e levar a população negra a acreditar que era mesmo

diferente (inferior) que a população branca. Assim, a escola tinha o papel de constituir de forma visível a desigualdade entre negros e brancos, pois para as crianças negras eram destinadas um educação limitada ao trabalho braçal e não para o desenvolvimento intelectual (SILVA, ALVES & SANCEVERO, 2008).

Através da constituição de 1988, o Brasil busca efetivar a condição de um estado democrático de direito com ênfase na cidadania e na dignidade da pessoa humana, contudo, ainda possui uma realidade marcada por posturas subjetivas e objetivas de preconceitos, racismo e discriminação ao afro-descendente, que, historicamente enfrentam dificuldades para o acesso e a permanência nas escolas. (BRASIL, 2005, p. 5).

A educação do negro foi marcada pela exclusão, resistência e inclusão. Entretanto, a educação é vista como um dos mecanismos que contribui para a estruturação da sociedade ou de um grupo proporciona conhecimento, juntamente ocorre o aumento de insatisfações em relação a determinadas imposições, e logo em seguida do desejo de mudança e como ação, a luta por melhores condições de vida. A possibilidade dos negros em querer se libertar da inferioridade que a eles foram atribuídas, era o que temia os senhores. Sendo assim, os brancos barravam a educação aos negros. Era uma forma de manter o poder na mão, de uma cultura sobre a outra. Podemos caracterizar esse aspecto, dentre outros, por exclusão a educação (BRASIL/ MEC, 2005).

Contudo, havia resistência, porque ocorria reação dos negros em defesa do direito a educação. Mesmo que a eles fosse negado esse direito, discriminados e excluídos da escola com a ideologia de que era um povo inferior e, portanto deveria apenas apresentar mão-de-obra e não estudo, uma vez que o ensino era dado ao povo-“superior”, os brancos no caso. Existiam no período escravista alguns quilombos (reduto formado por negros que fugiam da escravidão), que se preocupavam em alfabetizar as crianças, oferecendo o ensino da leitura e da escrita. Assim sendo, após a abolição, os negros com a sua força de vontade de estudar, reivindicavam o direito a escolarização oficial. No entanto, não eram ouvidos, dessa forma se organizaram e criaram suas próprias escolas. Isso ocorreu através da bravura e resistência do povo negro, um povo guerreiro por natureza (SILVA, ALVES & SANCEVERO, 2008).

Como resultado destas lutas pela inclusão educacional, podemos dar destaque aqui à algumas conquistas do movimento negro, como por exemplo, a questão das cotas.

Primeiramente, o sistema de cotas é uma ação afirmativa de reparação social, de incluir uma população que, historicamente, foi penalizada, roubada em seus direitos de pessoa humana, de cidadã. Seria uma forma de devolução da dignidade, de pagamento de uma dívida que o estado brasileiro tem para com a população negra. É também uma forma mais imediata de aumentar o número de pessoas negras dentro das universidades (BARROS, 2005, p. 13).

Outra conquista dos movimentos, negros que podemos dar ênfase, é a criação da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo oficial da Rede de Ensino. Destacamos a seguir os artigos desta lei:

Art. 1º. A lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

Art. 26- A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica, política pertinente à História do Brasil.

§ 2º os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação Artística, literatura e História Brasileira.

§ 3º “(VETADO)”

“Art. 79- A. “(VETADO)”

“Art. 79- B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia nacional da Consciência Negra” (Brasil/ MEC, 2003).

Não restam dúvidas de que é bastante significativa a introdução do ensino da História da África no currículo, pois é uma forma da escola está trabalhando a conscientização e valorização da cultura Afro-Brasileira, e dessa forma, contribuir para uma verdadeira inclusão social. No entanto, é necessário a implementação de políticas de ação afirmativas, que reveja a situação de desigualdades enfrentadas pela população negra ao longo da história. Nesse contexto Bentes & Amador afirmam:

Precisamos também, trabalhar para que sejam aprovadas, executadas, acompanhadas e avaliadas políticas de ação afirmativa (PAA'S), voltadas à eliminação do fosso social (educacional, trabalhista, geração de renda, empresarial, político partidário, etc.) que há séculos prejudica a população negra, em relação aos brancos. Assim, é necessário que o estado e demais responsáveis por políticas públicas, encarem, com responsabilidade a grave situação de desigualdade acumulada pela população negra e tomem providência para a execução de citadas Políticas de ação Afirmativa para negros/as, em todos os campos da vida social (...) (BENTES & AMADOR, 2004, p 70).

Como vimos, a Lei 10.639/03 foi fruto dos movimentos negros desde o século XIX (CONCEIÇÃO, 2010). Contudo, indagamos o porquê de uma Lei tão importante como essa, que tem o propósito de resgatar a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira, especifica em sua redação apenas o ensino fundamental e médio? Qual o objetivo de não especificar na lei a primeira etapa da educação básica, ou seja, a educação infantil? Sabemos que a educação infantil é uma etapa fundamental no desenvolvimento do indivíduo, merece uma atenção especial no que consiste na sua preparação e formação para a convivência social, uma vez que, não trabalhada na escola o respeito e a valorização de si mesmo e pelo outro, a criança pode aderir um comportamento preconceituoso e até mesmo renegar sua identidade cultural.

É necessário que as escolas sejam co-responsáveis por desconstruir imagens negativas em relação à identidade dos afro-descendentes, que são herdadas da sociedade escravo-racista, para assim construir novas relações sociais, onde uma raça não se sinta superior e nem inferior a outra, mas sim igual. Nessa linha a escola pode referendar-se nas orientações do MEC 2006 (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais), onde pauta alguns meios para trabalhar a temática étnico-racial na educação infantil (CONCEIÇÃO, 2010).

Se quisermos pensar em uma educação de qualidade, que esteja a serviço social e não à serviço do poder, ou seja, uma educação emancipatória, é preciso que forme para uma ética, que forme para cultura. É necessário que se trabalhe a competência ética, política dentro da educação para que não haja uma supremacia de uma raça sobre a outra. A escola deve contribuir para a construção de novas identidades. Na perspectiva de mudança, pois a partir que haja uma mudança cultural, também há uma mudança em nossa identidade.

2.4.1. A CRIANÇA NEGRA NA ESCOLA

A criança da educação infantil, às vezes dentro de casa, outras no contato com a sociedade, em igrejas, clubes ou pelos meios de comunicação interage com idéias racistas e acaba reproduzindo isto nas suas relações interpessoais no espaço escolar. Vale ressaltar que nem sempre a criança discrimina na presença dos profissionais de educação, ou seja, na sala de aula. Ela já entende que a prática discriminatória é um dado negativo e prefere ocultar isso dos adultos (CARRANÇA, 2006).

Muitos profissionais da educação acham que crianças pequenas ainda não têm um conhecimento sobre as diferenças e que por isso não exercem a discriminação e o tratamento diferenciado. Podemos notar isso na seguinte fala: “mas existe preconceito na educação infantil?” (expressão da diretora de uma das escolas visitadas). Nessa fala da diretora, é perceptível como alguns profissionais da educação enxergam as crianças. Tendo essa visão, será que a escola está concebendo uma educação de qualidade? Como a criança é vista? Será que esses profissionais não percebem que a criança é um ser histórico e por isso está em contato com atitudes já preconcebidas no meio social? A construção de um imaginário positivo para o branco e negativo para o negro se manifesta mais vezes do que a gente imagina, com grandes impactos para a auto-estima de brancos e negros e para convivência de todos. Muitos costumam achar que a escola está imune ao racismo, mas ela faz parte da sociedade e muitas vezes reproduzem o próprio pensamento dominante.

Práticas pedagógicas têm contribuído bastante para que as crianças negras internalizem certo constrangimento e até mesmo aspectos de inferioridade em relação as crianças brancas, essas ações pedagógicas são constadas de forma mais usual e muito mais visíveis em relação, por exemplo, a cartazes, os quais dificilmente há presença do negro, assim como é o caso das figuras expostas nas paredes das escolas, em sua maioria são de personagens brancos.

A princesa, o príncipe, as fadas, desenhados nas paredes das escolas são brancos, loros e não negros. Como fica a representatividade das crianças negras? Por que a cor da roupa das bruxas das histórias infantis é preta? Nessa mesma linha ressalta Batista, “esse tipo de tratamento e abordagem racista contribuiu e contribui para o negro introjetar, internalizar uma imagem negativa de si mesmo, de sua raça e de sua cultura, provocando assim a negação de sua identidade [...]” (BATISTA, 1995, p. 254 e 255). Pode-se também constatar outras formas de práticas racistas dentro do ambiente escolar que contribui para o ocultamento da negritude e como conseqüência a internalização de inferioridade da cor preta, nas apresentações teatrais, danças, desfiles realizados nas escolas, onde a presença das crianças negras é quase sempre representada nos papéis de empregadas, bruxas, caçador e dificilmente nos papéis das princesas, príncipes e etc., é o caso também da roupa da bruxa ser preta em vez de ser rosa, amarela. O lobo da história do Chapeuzinho vermelho e dos três porquinhos, por exemplo, é mau e sua cor é preta, já a Chapeuzinho e os três porquinhos são brancos.

Nesse caso torna-se uma dificuldade para a criança negra se identificar com o grupo, posto que afirmar-se como negro na nossa sociedade, ainda hoje, é trazer para si uma série de estereótipos negativos que estão vinculados á população negra. Posto que a cor negra aparece com muita freqüência associada a coisas e personagens maus. (TELES, 2008, p. 8)

São atitudes como essas que enraizadas nas práticas pedagógicas das escolas de Educação Infantil contribui cada vez mais para a sonegação da negritude em nosso país. A escola como instituição formadora de idéias precisa avaliar e reavaliar seus conceitos para que forme para uma democracia não só de direito, mas, sobretudo na prática. Nessa linha, Freire e Batista afirmam que a educação é um ato político, e como políticos os educadores têm um compromisso, especialmente os educadores negros, com o combate

ao racismo. Para isso, precisam buscar competência política, competência pedagógica e conhecimento da história e cultura negra (FREIRE, 1987; Batista, 1995, p. 256).

É importante frisar que os professores não devem ter medo de tocar no tema do racismo, por achar que com isso podem estimular uma visão negativa da população negra. Devem sim, ter em mente que é essa a faixa etária de construção de conceitos e de identidades. A escola precisa se organizar para lutar contra a discriminação racial, onde o professor não silencia e nem omite diante de atitudes preconceituosas entre alunos, mas sim precisa contribuir para que as crianças aprendam a gostar de si própria, respeitando e valorizando seus biótipos (aparência física), para que possam ser capazes não somente abrigar em seu ser, mas também de transmitir valores que busquem sempre a equidade racial, o respeito às diferenças e os direitos de outros e seus próprios (BENDES & AMADOR, 2004). As crianças necessitam ser ouvidas dentro da sua singularidade, da sua identidade cultural.

A própria metodologia de trabalho da educação infantil, com suas brincadeiras, faz de conta e as atividades corporais constituem um excelente ponto de partida para abordar a questão racial com crianças pequenas, a arte também é um instrumento fundamental para trabalhar essa temática na Educação Infantil, histórias das tradições africanas, literaturas como: “As tranças de Bintou”, músicas, danças (capoeira, samba, carimbó) são meios em que as crianças, no ritmo da alegria, valorizam a cultura afro-brasileira e elevam a auto-estima pela arte (BRANDÃO, 2006).

A criança negra precisa viver a condição de negro como uma experiência positiva para ter uma auto-estima boa e isso se faz não somente no meio escolar, mas também no seio familiar. Se a mãe de uma criança negra ao pentear o cabelo de sua filha usa sempre ou quase sempre termos pejorativos para diminuir e até mesmo recriminar seus filhos, assim coloca os traços físicos como algo ruim, feio e, principalmente, indesejável, é obvio que tudo isso vai causando na criança uma negatividade com relação a sua aparência. Ações como essa foi evidenciado em um dos momentos de entrevista com uma criança negra, onde a mãe aproxima-se de sua filha e diz: *“pára de ficar mexendo nesse cabelo, olha como ele tá só o fuá.”* A criança abaixou a cabeça e ficou intimidada durante toda a entrevista. Se todo o meio sócio cultural em que a criança é inserida tem atitudes semelhantes a essas, de onde então, ela vai tirar que é bom ser negro nesse país?

2.4.2. A NEGRITUDE NOS LIVROS DIDÁTICOS

Uma vez que falamos dos livros de literatura infantil, os quais são mais utilizados pelos os professores, que apresenta o negro de forma inferiorizada, estereotipada, isso quando há a presença do negro, pois na maioria dos livros em que as crianças têm acesso na escola, não há nenhum personagem negro. Que consideramos importante falarmos um pouco dos livros didáticos em geral.

De acordo com Munanga, nos livros didáticos as informações têm uma orientação eurocêntrica que não contempla outras raízes do Brasil, principalmente as raízes de origem africana. E uma das conseqüências para a formação na identidade dos brasileiros é a formação da auto-estima dos jovens brasileiros de descendência africana. Pois, para cada pessoa se firmar como ser humano tem que conhecer um pouquinho da sua identidade, das suas raízes e da sua história (MUNANGA, 2003).

No ponto de vista do conteúdo histórico, muitos livros ignoram os heróis negros, dedicam poucas linhas aos movimentos coletivos em prol da libertação, raramente revelam a competência dos negros na criação, organização e manutenção da vida social nos quilombos e na sociedade brasileira. Em outros casos o negro é associado a funções subalternas, atividades exclusivamente manuais, situações de penúrias ou dignas de piedades e há ocasiões em que os negros não aparecem nos livros didáticos, simplesmente não há qualquer menção ao negro (FARIAS, 2010). Se olharmos os conteúdos, nos livros de história, ao relatarem sobre a escravidão, em sua maioria é colocado o negro como um ser sofrido, humilhado, e, sobretudo passivo. E se a escola adota um livro que tenha um caráter preconceituoso e estereotipado do negro, como fica a questão de uma educação de qualidade se a própria instituição escolar exclui e reduz a participação do negro na sociedade brasileira?

A escola tem um importante papel no combate a discriminação racial. A escolha do livro didático é fundamental nesse sentido, é preciso que ao escolher os livros percebam e avalie a forma como o negro está sendo representado, deve-se perceber e desconstruir conteúdos estereotipados e preconceituosos sobre o negro e não reproduzir o que a sociedade naturalizou ao longo da história.

III CAPÍTULO

A ESCOLA: UM ESTUDO NA EMEI FONTE DO SABER

3.1. ENTRANDO E OBSERVANDO O COTIDIANO DAS CRIANÇAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas. (...) Ao lado dessa atitude geral, podem-se criar situações de aprendizagem em que a questão da diversidade seja tema de conversa ou de trabalho (RCN, v.2, p. 41).

A entrada no campo para a realização da pesquisa é fundamental na etnografia, pois demanda que os pesquisadores entrem e participem do cenário de realização do estudo. De acordo com Corsaro & Molinari, um dos objetivos da etnografia como método interpretativo é o estabelecimento de um estatuto participante e uma perspectiva interna, sendo este de primordial importância nesse tipo de estudo. É necessário que o pesquisador ao se propor à investigar crianças, principalmente, em espaços educativos, crie uma relação de confiança e tal relação não se restringe apenas aos professores, gestores escolares e pais de alunos, mas, sobretudo aos estudantes (CORSARO & MOLINARI, 2005).

As primeiras visitas nas turmas A e B objetivavam observar como se daria a nossa aceitação nas duas turmas de jardim II e de que forma elas reagiriam com a nossa presença, portanto, nos propusemos a vivenciar dois dias de aulas juntamente com elas, ou seja, entrar na vida escolar das crianças – ser uma delas. Sendo assim, adotamos a estratégia de proporcionar uma entrada “reativa”, ou seja, esperamos que as crianças reagissem à nossa presença, pois pretendíamos ter respostas para os seguintes questionamentos: como seria essa reação? Elas iriam ou não aproximar do novo (pesquisadores)? De que forma daria essa aproximação?

Levando em consideração o espaço das salas de aulas da escola, (bastante pequenas) assim como a pretensão de ter uma visão individual acerca da reação e interação das crianças conosco, para então fazermos uma comparação entre os pesquisadores e as turmas. Que decidimos fazer essa primeira observação individualmente.

A seguir relataremos esse olhar individual, onde no primeiro tópico trata-se da observação da pesquisadora Kelcia e o segundo do relato do pesquisador Zenildo, e por seguinte faremos uma breve análise coletiva em relação a nossa aceitação nas duas turmas.

3.1.1. A PESQUISADORA E AS CRIANÇAS

Ao entrar na sala da turma A, fui apresentada. Pedi a professora para que fizesse minha apresentação, pois não queria quebrar com o objetivo de observá-los como iria se aproximar, sem que eu desse a primeira iniciativa. Quando a minha apresentação ainda estava sendo feita uma criança falou: “eu vi ela na rua de casa”! . Em seguida outra, veio até mim e deu-me um abraço. Foi através dessa frase e desse tímido e sincero abraço que percebi que estava sendo bem vinda no espaço escolar delas.

Após a apresentação, sentei em uma cadeira no final da sala e fiquei observando. As crianças ficaram eufóricas e tentavam de todas as formas chamar atenção: faziam e jogavam aviãozinho de papel, mexia com o colega ao lado e riam bastante alto. Isso tudo acontecia em meio a cochichos e olhares tímidos.

A professora, creio que para chamar atenção da turma, começou a cantar algumas músicas, no entanto, nada adiantou, pois os estudantes não participaram, ao contrário, ficaram cochichando com o colega ao lado, olhavam o material escolar e sempre disfarçadamente olhavam para mim.

De tanto a professora A chamar a atenção e dizer: “se continuarem não se comportando a mulher aí, vai aplicar vacina em vocês!”, todos se voltaram para ela e começaram a cantar também. Mas, enquanto pesquisadora e professora era preciso intervir naquela situação e mostrar para as crianças que eu não queria “fazer mal” e sim ser amiga delas. Então comecei a participar das gesticulações das músicas e sorrir junto com elas. Surpreendentemente já não havia mais medo no olhar das crianças e sim alegria e alívio.

Depois de vários olhares e risadas as crianças começaram a externalizar verbalmente suas curiosidades. Como por exemplo, uma criança olhou para o meu caderno de campo e perguntou: “o que ela ta escrevendo”? Outra chegou próximo,

sorriu e disse: “quando a senhora era pequena, onde a senhora estudava”? Aos poucos iam inventando e reinventando estratégias de aproximação e descobrir quem era esse outro (pesquisadora) que estava entrando no ambiente escolar delas.

A minha presença, nessa turma, foi rapidamente aceita, não demorou muito para que elas procurassem interagir e fazer com que me sentisse “enturmada”. Neste sentido, sempre que faziam algo diferente iam até mim e explicavam como era, principalmente, as gesticulações das músicas. Outras vezes queriam que eu fizesse os deveres do quadro juntamente com elas, “deixa eu ver a tua caneca!?”. (fala de uma das crianças no momento em que ela estava retirando alguns desenhos do quadro).

Na turma B, a minha apresentação deu-se da mesma forma que na turma A. No entanto a reação das crianças foi diferenciada. Primeiro: quando estava sendo apresentada, elas agiram naturalmente, ou seja, continuaram suas brincadeiras e conversas sem importar muito para o que a professora estava falando. Segundo: após a apresentação houve certa rejeição e/ou desconfiança das crianças, pois pouco olhava para mim e dificilmente riam. O mais interessante disso é que todas estavam bastante a vontade, ou melhor, brincavam e conversavam entre si como se não estivesse ninguém ali.

Como de práxis na educação infantil, logo de início a professora cantou algumas músicas, os estudantes não participaram, fiquei observando-os e nada, então assim como na turma A, comecei a participar da cantoria e as crianças uma por uma começaram a participar também e em um instante estávamos em uma festa de vozes e coreografias. Após, as músicas as crianças retornaram ao mesmo comportamento: brincar e conversar. Em uma dessas conversas um grupo de três crianças olhou para mim, conversaram novamente entre si, falou o meu nome e riram. Notei que de certa forma divertiam-se com a minha presença.

Após mais ou menos uma hora na turma, o contado das crianças comigo não passava de olhares e sorrisos. Mas, finalmente, uma criança que há um bom tempo estava ao meu lado, enche-se de coragem e pergunta: “a senhora sabe meu nome?” E assim, inicia-se um curto e breve diálogo. Em seguida outra criança olhando para o meu caderno de campo pergunta: “o que é isso?”, respondo e ela volta a brincar novamente. Em outro momento um grupo de três crianças se aproxima, olham, riem e volta para os lugares em que estavam sentadas. Nessas três ações das crianças são perceptíveis as diferenciações de estratégias utilizadas por elas, no entanto, todas tinham o mesmo objetivo, conhecer quem era esse outro que se fazia presente no espaço delas.

3.1.2. O PESQUISADOR E AS CRIANÇAS

Na sala em que realizei a observação nesse primeiro momento foi na turma B de educação infantil. Depois da apresentação da professora para as crianças em relação a minha presença na sala de aula, fui sentar-me numa cadeirinha lá no fundo da sala. As crianças ficaram um pouco assustadas, e quase não prestavam atenção nas atividades realizadas pela professora.

A professora desta turma é negra. E nessa turma só tem uma criança com todos os traços negros: cor da pele, cabelo, rosto etc., a maioria é “parda”. Conforme observei, as demais se consideram “brancas”. Uma das coisas que me chamou muita atenção foi o fato de como as crianças estavam sentadas em sala de aula: meninos para um lado e meninas para o outro. No início da aula, quando a professora iniciou as atividades, todas se realizaram de forma individual, e no decorrer da aula também não houve nenhuma atividade que envolvesse dupla, trio ou grupo de alunos. A forma de como foi trabalhada a aula analiso que nos demais dias, não eram diferentes em relação a esse dia na qual a turma foi observada.

As crianças ficaram logo no primeiro momento quietas querendo demonstrar um comportamento que não condizia com o comportamento do dia-a-dia, e após alguns minutos voltaram a se comportar normalmente. Algumas não deixavam de me observar, sempre estavam cochichando entre si, ao me olharem riam, faziam brincadeiras para chamar atenção, mexiam com os colegas entre outras atitudes. Mais da metade do horário de aula nenhuma criança se aproximou de mim, ficavam sempre mantendo distância. A criança negra em um determinado momento se isolou de seu grupo e ficou até o final da aula sentada, fazendo suas atividades na mesa da professora, e por incrível que pareça, a professora não procurou saber o motivo que a levou sentar-se em sua mesa.

Já no final da aula um grupo de meninos estava sentado próximo de mim e resolvi conversar com eles, nesse momento a professora não estava em sala de aula. Perguntei o nome de cada um deles e depois de alguns minutos de conversa resolvi fazer as seguintes perguntas:

(P) Vocês gostam da professora?

(GC) Não!

(P) Por que vocês não gostam da professora?

(GC) Porque não!

(P) Perguntei novamente. E a resposta foi a mesma.

(GC) “porque não”.

No primeiro momento as crianças ainda mostraram certa desconfiança, ou seja, ainda não estavam a vontade para falar das suas relações de sala de aula. Minha intenção era saber se eles não gostavam da professora por ser negra. No entanto, isso não foi possível saber se os “porquês não” tinham alguma coisa haver com a negritude da professora ou por causa de sua forma de trabalhar em sala de aula. Com esse diálogo terminei a observação desse dia na turma B.

No dia seguinte, fui para a turma A de educação infantil do jardim II, ocorreu como na turma anterior, fui apresentado às crianças pela professora e em seguida sentei em um banquinho no fundo da sala de aula. As crianças dessa turma também ficaram incomodadas com a minha presença, tentavam disfarçar de todas as formas, mas não conseguiam. Após alguns minutos, para minha surpresa, diferente da turma B que não se aproximavam de mim, as crianças dessa turma começaram a trazer seus trabalhos para olhar e perguntar se estava certo. Nessa turma o que me chamou atenção foi que a maioria das crianças que vinha até mim era as brancas e as pardas, as negras em nenhum momento tiveram contato comigo. Percebi, que nessa turma, há uma maior interação entre meninas e meninos, ou seja, sentam misturadas.

Por tanto, nesse primeiro momento de interação entre pesquisador e pesquisados, houve avanços significativos em relação ao objetivo da pesquisa, mas é necessário elaborar métodos e estratégias que contribuam para conhecer melhor as vivências de cada sujeito pesquisado principalmente no que se refere a identidade das crianças negras.

3.1.3. ANALISANDO OS OLHARES

Pesquisar crianças é bastante desafiador e ao mesmo tempo estimulante, exige uma relação de aconchego e uma escuta ativa e sensível, que deve estar em re/elaboração constante possibilitando sempre a renovação das estratégias de pesquisa. Quando a pesquisa se restringe principalmente na escuta das crianças e não no que o adulto fala e/ou nos documentos encontrados na secretaria da escola é ainda mais interessante, pois nos leva a um mundo que achávamos que conhecíamos, mas quando entramos nesse mundo percebemos que é muito diferente do qual imaginávamos. As crianças são imprevisíveis, não dá para planejar algo achando que ao chegar no ambiente delas será bem aceito, terá êxito, as vezes ocorre completamente diferente. Para que isso não aconteça sempre, é necessário que o pesquisador não veja a criança como objeto de pesquisa, mas, sobretudo como sujeitos capazes de descrever suas próprias experiências e vivências. É de suma importância que se crie uma relação de confiança entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

Nessa linha de pensamento de que o pesquisador precisa entrar e ser aceito no lócus da pesquisa para que possa coletar os dados suficientes para o seu trabalho que Corsaro afirma:

A etnografia é o método que os antropólogos mais empregam para estudar as culturas exóticas. Ela exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem. Neste sentido, por assim dizer, a etnografia envolve “tornar-se nativo”. Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças – ser uma delas tanto quanto podia (CORSARO, 2005, P.446)

Nossa intenção era a mesma que Corsaro nos propõe, entrar e ser aceitos no cotidiano das crianças, que estivemos observando e convivendo, nas turmas de jardim II da EMEI Fonte do Saber. De acordo com as observações, podemos afirmar que mesmo agindo igualmente ao entrar nas salas de aulas, de nos colocarmos em ambas as salas em um lugar restrito (final da sala), notamos que isso não foi motivo para que houvesse um tratamento, aproximação e reação das crianças homogêneas entre nós. Mas por outro lado, podemos afirmar que de certa forma as crianças reagiram igual. De acordo com a

nossa análise, na troca das experiências vividas em campo, notamos que nas duas turmas, as crianças demonstraram certo receio em se aproximar de nós, assim como apresentou inquietação. Da mesma forma, a criação de estratégias de aproximação foi diferenciada, principalmente, na 2ª turma visitada (revezamento dos pesquisadores), ou melhor, o(a) pesquisador(a) teve o primeiro contato, conviveu a turma, foi o(a) que mais chamou a atenção, aquele(a) que passou por segundo encontrou um certo bloqueio das crianças, e isso foi bastante notório nas perguntas feitas por elas: “cadê aquela outra?” “Porque aquele homem não veio?”.

Nas formas de aproximação das crianças é perceptível que as estratégias de interação utilizadas por elas foram diversificadas: argumentos, risos, olhares, demonstração de interesse pelo o que o outro está fazendo. Isso se caracteriza pelo fato de cada um de nós termos a nossa própria singularidade, as ações feitas em um determinado lugar pode provocar reações diferentes. E isso foi comprovado nas diversas estratégias que as crianças criaram para interagirem e/ou se aproximarem do novo (pesquisadores). Dessa forma, é preciso saber que ao desenvolver trabalhos com crianças deve-se levar em conta o espaço sócio-cultural em que estão inseridas, pois como afirma Sarmiento (2005, p. 369) “os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças”.

Em linha direta, podemos afirmar que a nossa aceitação nas duas turmas foi rápida, pois as crianças não demoraram muito a criarem estratégias para se aproximarem. Quando estávamos planejando esse primeiro contato com as turmas achávamos que seria necessário mais que dois dias de encontros com as turmas e para nossa surpresa as crianças demonstraram uma interação muito rápida conosco.

3.2. A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA

A história da educação no Município de Mocajuba é tecida pelas trajetórias que as pessoas vivenciaram dentro ou fora de instituições de ensino. Se atentarmos para os ecos das memórias da educação que ressoam nas ruas e canteiros da cidade, muita coisa pode descobrir e registrar sobre essa dimensão instituída nos modos de vida da população. A primeira escola que funcionou na sede do Município durou até 1940.

Funcionava com poucos alunos e com professores vindos de outros municípios, devido a carência de profissionais do próprio município.

A partir de 1949 a educação começa a ter o desenvolvimento mais acelerado. Nesse ano surge o grupo escolar “Nossa Senhora das Graças” que marcou a história de muitas famílias em Mocajuba. De filosofia religiosa, a escola desempenhou relevante papel na formação cristã, humana e intelectual dos filhos da cidade.

Em virtude da carência de profissionais qualificados, o ensino nas escolas que foram surgindo e sendo constituídas geralmente era conduzido por professores leigos, a maioria com apenas a 5ª série primária. As precárias condições de educação na cidade se acirravam pelo pouco investimento em educação realizado dentro do próprio município, que contando com governantes com quase nenhuma escolaridade não desenvolviam projetos que visassem o enriquecimento da educação municipal.

E somente a partir de 1959 foi obtida a autorização de mandato para o curso normal regional, vivendo assim a macha da civilização na formação do professor primário. Desde a sua formação até 1979 o Instituto Nossa Senhora das Graças, ofereceu a população Mocajubense 432 professores regentes.

Com a formação para o exercício da docência educacional foram aplicadas outras modalidades de ensino como: jardim de infância, curso primária fundamental, curso primário complementar, curso normal regional, cursos profissionais domésticos, pré-escolar, curso de 1º grau fundamental, curso supletivo e outros que foram ministrados nesse estabelecimento. E o desenvolvimento continuou com a construção de novas escolas em todos os bairros do município.

A Educação no Município de Mocajuba, principalmente, no diz respeito a Educação Infantil teve avanços significativos apesar das escolas que foram construídas para atender essas crianças não serem de acordo com os padrões que o Ministério da Educação estabelece. Da mesma forma, os profissionais que atuam diretamente na Educação Infantil tiveram que se qualificar e no decorrer dos anos a secretaria de educação ofereceu curso específico voltado para esse nível de ensino, mesmo com muita dificuldade vem realizando ao longo do tempo no processo educacional, cursos de formação para que os mesmo possam desenvolver uma educação de qualidade nas turmas na qual lecionam. Além desses cursos de formação muitos educadores(as) possuem ou estão em fase final de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

3.3. A COMUNIDADE EM QUE A ESCOLA ESTÁ INSERIDA

A Escola Fonte do Saber esta localizada no bairro denominado de “Campina”, distante do bairro “Centro”, na Rua Lauro Sabbá nº 570 entre as Travessas Teófilo Otoni e Raimundo Cunha, com uma população bastante numerosa, é um dos grandes bairros que o Município de Mocajuba possui. O Bairro da “Campina” faz limites com vários bairros como: bairro “centro”; bairro do “Arraial” (remanescentes de quilombolas); bairro da “Fazenda”; bairro “Novo Horizonte” e com o bairro “Novo”. Segundo a diretora da referida escola, os dois últimos bairros mencionados a escola recebe a sua maior clientela, segundo a diretora entrevistada. As famílias deste bairro são bastante diversificadas economicamente, algumas famílias possuem bens como: fazenda, comércio, supermercado, oficina mecânica, sítio com grandes produções de: pimenta-do-reino, cacau, banana, coco, cupuaçu, maracujá etc. Outras famílias são trabalhadores(as) desses grandes produtores, trabalhando nos sítios, fazenda, supermercado, etc. De muitas famílias seus respectivos responsáveis são funcionários públicos. Outras famílias sobrevivem do dinheiro de algum membro que é aposentado da família. Há também aquelas famílias que são autônomas e, ainda, aquelas que sobrevivem apenas do dinheiro do bolsa-família.

O bairro é todo asfaltado, com algumas ruas ou travessas precisando de pequenos reparos, sua limpeza é feita diariamente (coleta de lixo), neste bairro podemos encontrar: a secretaria de saúde, o terminal rodoviário, igrejas evangélicas e católicas, pequenos e grandes comércios. As casas construídas no bairro são de pequeno porte e de grandes portes, de alvenaria, de madeira, de acordo com o poder econômico que cada família possui.

As crianças e os adolescentes do bairro estudam nas diversas escolas espalhadas nos outros bairros do Município de Mocajuba. As crianças de 0 a 5 anos são atendidas na medida do possível na escola do bairro “Fonte do Saber” e as crianças que não consegue vagas no início de cada ano esperam vagas para o próximo ano e a comunidade em geral fica na perspectiva de que o governo construa novas escolas para que todos: crianças de 0 a 5 anos, adolescentes, jovens e adultos possam ser atendidos com escolas e educação de qualidade.

3.4. HISTÓRICO DA ESCOLA

A escola “Fonte do Saber” pertence a Igreja Assembléia de Deus em convenio com a prefeitura Municipal de Mocajuba, está situada na Rua Lauro Sabbá nº 570, entre as Travessas Teófilo Otoni e Raimundo Cunha, Bairro da Campina, com INEP nº 15566668. A sua fundação deu-se no ano de 1985, para atender a necessidade da comunidade e devido índice elevado de crianças, o prédio feito para moradia transformou-se em um estabelecimento de ensino, com intuito de abranger os alunos da Educação infantil do referido bairro.

A escola passou por muitos desafios, no mandato do prefeito Sr. Wilde Leite Colares (1996 a 2000), chegou a fechar suas portas e toda a clientela foi remanejada para o Estádio Municipal, onde funciona a Escola “Odete Sabbá Coelho”. Já no governo do prefeito Amadeu Coelho Braga (2001 a 2004) a escola voltou a funcionar. Atualmente, a escola atende uma clientela de 265 crianças distribuídas em dois turnos do maternal ao jardim II.

3.4.1. ESTRUTURA FÍSICA

Sua estrutura física é um prédio de pequeno porte, com 8m/85cm de largura por 21m/70cm de comprimento, construído todo de alvenaria com as seguintes dependências: seis salas de aulas medindo 3m de largura por 5m de comprimento, cada uma; uma pequena secretaria (mesma medição das salas de aulas); uma cozinha medindo 3m/3m, dois banheiros um masculino e um feminino ambos medindo 1m/50cm por 1m/50cm; uma pequena área medindo 2m de largura por 3m/20cm de comprimento que funciona como pátio. O espaço físico da escola, no momento, não está atendendo a sua clientela, deixando de atender a demanda apresentada pela comunidade local, tendo assim, a necessidade urgente de ampliação da escola.

A Escola Fonte do Saber no passado serviu de moradia e até hoje existe vestígio que comprova, nas paredes da escola encontramos escarpas espalhadas nas paredes do

corredor e das salas. Neste prédio, desde 1985, foram feitas apenas pequenos reparos como: retirada do forro, abertura de uma porta ao lado e de vez em quando é feita uma pintura.

É necessário ressaltarmos que a escola não oferece um espaço adequado para que haja um desenvolvimento integral das crianças. Pois, além das salas de aulas serem bastante pequenas e com pouca ventilação, alias a maioria delas não possuem ventiladores, não há um espaço adequado para a socialização entre turmas. Assim como, para a realização da recreação, a qual é fundamental nessa etapa de ensino, a mesma dar-se dentro da própria sala de aula.

3.4.2. ESTRUTURA DIDÁTICO-ADMINISTRATIVA

O funcionamento da EMEI Fonte do Saber se dá em dois turnos: pela manhã, das 07h:15min às 11h:15min atendendo 133 crianças, e a tarde, das 13h:15min às 17h:15min. Atendendo 132 crianças e possui um quadro funcional formado por nove professores, uma diretora, um coordenador pedagógico, uma secretária, dois auxiliares de secretaria, dois agentes de portarias, duas merendeiras, seis auxiliares de serviços gerais e três vigias.

A diretora é pedagoga com especialização em educação inclusiva; a coordenadora pedagógica é graduada em licenciatura plena em pedagogia; a secretaria tem o ensino médio e está cursando História; as duas auxiliares administrativas têm o ensino médio e uma está cursando pedagogia; quatro professoras estão cursando pedagogia; duas já possuem licenciatura em pedagogia; uma tem o nível superior em Ciência da Religião; os agentes de portarias possuem apenas o ensino médio; a merendeira apenas o ensino fundamental; dois serviços gerais possuem apenas o ensino fundamental; quatro serviços gerais com o ensino médio e os vigias formados no ensino médio.

A educação na Escola “Fonte do Saber” mesmo com todas as dificuldades vem ultrapassando barreiras para proporcionar uma educação de qualidade para as crianças

desta instituição. As entrevistas realizadas com os funcionários da Escola “Fonte do Saber” deixa bem visível as preocupações, porém mostra a falta de conhecimento no que diz respeito às normas legais sobre a questão étnico-racial, mesmo reconhecendo que na escola acontecem atitudes de preconceito, racismo e discriminação entre as crianças, principalmente com as crianças negras, a maioria dos profissionais tenta amenizar da maneira que podem, isso porque desconhecem as bases legais para se trabalhar e saber lidar com esses tipos de situação em sala de aula, como vamos perceber em alguns relatos dos entrevistados.

IV CAPITULO
AS CRIANÇAS NEGRAS: O CASO DA EMEI FONTE DO
SABER

4.1. AS PERCEPÇÕES DOS SUJEITOS ESCOLARES SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“Não tinha nem reparado isso! Não sei por que sempre a bruxinha que é a de cor mais escura, a loirinha sempre é a princesa, né!? (...) Eles podem até não estarem percebendo né, que estão fazendo isso. É acho que é uma atitude preconceituosa” (servente 2).

Este capítulo surge com o objetivo de expor a nossa observação em relação às vivências das crianças negras no espaço da Escola Fonte do Saber, assim como responder as indagações iniciais deste trabalho acerca da inclusão dessas crianças na Educação Infantil. Levando em conta os relatos dos atores da escola (diretora, duas professoras, uma agente de portaria, duas serventes) em relação às diferentes formas de inserção das crianças negras na instituição educacional, seus conceitos e percepções da educação infantil.

Relembramos os dias que estivemos na escola, para observar as relações entre as crianças, o espaço escolar (estrutura física), as brincadeiras realizadas com as turmas pesquisadas, as entrevistas com alguns profissionais da escola, assim como das curtas e longas conversas com as crianças. Aliás, são as nossas lembranças sobre esse lugar, as informações desses sujeitos da escola e as anotações no diário de campo que utilizaremos para analisar os próximos tópicos.

Além de ouvirmos as crianças das turmas pesquisadas, tivemos também o cuidado de estender as nossas observações para a equipe da escola. Ao propor as entrevistas para esses profissionais tínhamos o intuito não apenas de coletar dados, mas de despertar uma inquietação, por pequena que fosse, com relação a maneira que a educação infantil vem concebendo a criança negra, assim como levá-los a se questionarem a forma como se da, em grande parte distorcida, a representatividade dessas crianças em suas salas de aulas e até mesmo nos corredores da escola. E, principalmente, levá-los ao anseio de mudanças em suas práticas pedagógicas para que no mínimo minimize a exclusão da criança negra no espaço escolar. Aliás, conforme afirma Menezes, é “uma exclusão

simbólica, já que a criança tem acesso à matrícula e à sala de aula, mas não é aceita no contexto mais amplo” (MENEZES, 2002, p. 9).

As entrevistas realizadas com os profissionais da escola permitiram-nos registrar algumas análises sobre a educação que a escola vem concebendo. As falas, histórias e relatos que ouvimos remetem certo comodismo e até mesmo um grande silenciamento da escola para com o preconceito contra as crianças negras, onde muitas vezes a própria instituição contribui para essa rejeição contra a população negra.

Essa rejeição vai se tornando perceptível com a observação do cotidiano escolar, que apresenta imagens caricatas em cartazes ou ausência dos negros em datas comemorativas, como o Dia das Mães, em geral ilustradas por uma família branca, o que leva a criança negra a não se reconhecer na mesma. Existe ainda uma ausência de conteúdos que problematizem a questão do negro nos currículos escolares, privando as crianças negras de conhecerem a sua história, que vai além da escravidão. [...] o cotidiano escolar vai dando indícios do lugar do negro nesse espaço. Muitas crianças acabam resignando-se a esse não-reconhecimento, a ponto de se avaliarem de maneira distorcida, considerando-se incapazes, inferiores [...] (MENEZES, 2002, P. 9).

Nos relatos das professoras entrevistadas vimos que elas não dão uma notável importância ao trabalho da temática da diversidade racial, ficando na maioria das vezes apenas no ensino do respeito as pessoas, trabalhado na disciplina de ensino religioso: *“eu já falei lá pra eles de modo geral assim a questão da vida né, a importância da vida que a gente tem que valorizar né?”* (professora B) e em algumas vezes nas falas de repreensão contra atos racistas, *“tem que respeitar o coleguinha, olha ele é igual a você”* *“Não pode falar assim com o coleguinha ele é pessoa como a gente”* (professora A). A fala a seguir, assim como as anteriores, mostram as maneiras pelas quais os profissionais abordarem a temática do preconceito contra a criança negra na escola.

[...] aqui a gente trabalha essa questão: que não se deve discriminar as pessoas. Trabalha em sala de aula quando a criança se nega a sentar perto de uma criança negra; [...]. Na hora de uma brincadeira aqui fora também é trabalhada essa questão, quando a gente percebe que uma criança não quer ficar do lado da outra a gente conversa, agente incentiva, mostra pra eles que isso é

errado que é igual a eles, que não tem diferença nenhuma. Então é essa questão que a gente trabalha, mais uma questão de atividades mesmo que a gente passa. (Diretora – entrevista de 08/11/2011)

Nota-se, que muitas vezes, a escola omite trabalhar tal temática, talvez por não dar muita importância ao assunto, ou por pensar que a questão do preconceito é uma atitude cultural e hereditária, e que por isso nunca vai acabar o preconceito contra o negro como afirma a professora B:

Porque isso ai é uma coisa hereditária eu acho, o colega meu que fala que são três classes de pessoas que sempre vai haver preconceito é o pobre, a mulher e o negro, ele fala nem que tenha movimento, assim de... conscientização, mas sempre vai haver e realmente. Aquilo já tá no sangue o modo daquela coisa de preconceito sabe!?! (entrevista de 10 /11/2011)

Em outros casos, muitos acreditam que por não ter presenciado nenhuma atitude preconceituosa pensa não ter grande importância em trabalhar o preconceito racial em suas aulas, e assim acaba contribuindo ainda mais para a negação da identidade negra. Aliás, para a identidade brasileira, uma vez que o Brasil é um país tão miscigenado, por isso é de fundamental importância a escola, mesmo não presenciando tais atitudes, desenvolver práticas pedagógicas envolvendo a temática das relações raciais. É claro, que não estamos afirmando que a escola vai acabar com a discriminação racial, mas estamos sim ressaltando que é necessário e fundamental a instituição educacional envolver-se, para que haja uma mudança significativa. Se a própria escola acreditar que em nosso país sempre vai haver o preconceito contra o negro, como afirma a professora B, e continuar cultivando os mesmos comportamentos que vem dilacerando as relações raciais é evidente que ocorra sempre essa doença que a séculos vem corroendo a identidade brasileira.

Através das falas dos profissionais entrevistados, percebemos a normalidade com que eles encaram as atitudes de rejeição entre as crianças, e pensam que são comportamentos normais de crianças de educação infantil. A fala da professora B explicita essa questão:

[professora B] Um dia só, agora recente, que eu notei assim que um menino começou a querer criticar né dela [...] Às vezes tem assim em termos de brincadeira, mas em termo de serio assim, não vejo.

[Kelcia] Qual foi a critica que a senhora viu em relação a essa menina?

[professora B] Eles tavam brincando, ele começou a chamar de preta pra ela. (a professora relata com alguns sorrisos)

[Kelcia] Como foi que ele falou?

[professora B] Assim: preta! Preta! Sai daí preta! Ele falava.

[Kelcia] E ela? O que ela falou?

[professora B] Mas também ela não levou a sério nada, ela não é assim de reagir ao contrario, falar ah professora ele ta me apelidando. Porque foi uma coisa rápida dele sabe!? É coisa de criança. (...) não vejo nenhum tipo de preconceito, foi só isso que eu vi nesse dia. Eles têm a traquinagem deles, mas é coisa de criança.

[Kelcia] Você trabalha a temática do preconceito contra o negro em suas aulas?

[Professora B] Olha não deu ainda de falar sobre essa questão do preconceito, até porque eu acho que é como eu falei não tenho detectado esse tipo de discriminação né! Que a gente não se volta pra isso, acho que é o fato também (entrevista de 10/11/2011).

São atitudes como essa, que ao não ser trabalhada adequadamente, vai comprometendo as relações, pois a criança percebe que a escola não propõe nenhuma ação pedagógica diante de atitudes preconceituosas e acaba por silenciar-se chegando até a um aspecto de inferioridade e/ou subalternidade. Vale ressaltar que o professor e todo o corpo escolar precisam trabalhar a temática das relações raciais no cotidiano escolar, e isso é necessário não somente quando presenciaram atitudes racistas entre as crianças, mas, sobretudo porque deve fazer parte dos conteúdos e vivências da instituição educacional.

4.2. AS CRIANÇAS NEGRAS E AS VIVÊNCIAS “PEDAGÓGICAS” NA ESCOLA FONTE DO SABER

É de pequeno que se vai adulto, a gente pensa que as crianças não estão observando as coisas, mas elas estão observando tudo que acontece. Tudo a criança absorve. (agente de portaria entrevista de 11/11/2011)

Pensamentos como estes: *“eles são crianças não tem noção ainda disso. Não sabe ainda diferenciar esse preconceito entre o branco e o negro”* (servente 2) *“Eles são pequenininhos ainda nem percebem isso, são todos bebezinhos né”* (servente 1). Mostra-nos a irrelevância em que a escola trata o assunto do racismo, além de dar-nos uma visão mais justificada de como a criança da educação infantil é vista: um ser puro sem maldade, não levando em conta os contatos sociais em que ela participa, estando assim, em relação direta com atitudes já estereotipadas e que paulatinamente vão se fazendo parte das relações dentro do ambiente escolar. De fato o preconceito, seja ele de raça, gênero, econômico e etc., não está na criança, mas no meio sócio cultural em que a mesma se constitui enquanto ser social e histórico.

Perguntamos aos profissionais entrevistados sobre a participação das crianças negras nos eventos da escola. Foram unânimes as respostas afirmando que elas são inclusas nas dinamizações realizadas.

Normal, o evento que tem aqui não tem diferença em dividir quem é negro quem é... Entendeu! É de uma forma geral não tem essa divisão, a gente não olha para esse lado, porque é negro, tipo assim: há eu não vou colocar ele porque é negro não. É de uma forma geral, participa normal. (diretora)

Elas participam bastante (agente de portaria)

Eu procuro incluir meus alunos, mais eles! Devido também eu ter alunos negros que são mais assim é... desembaraçados, sabe representar bem, esse ano só é um que ta dando trabalho pra mim. (Professora A).

Quando tem essas programações ainda não percebi se eles escolhem a criança assim: ah fulano tem uma melhor aparência. Sempre eles convidam, até tem uma turma lá

né, que tem uns meninos moreninhos e sempre são eles que ela tira pro desenvolvimento deles. A professora faz questão de colocar eles. (professora B)

Através das falas dos sujeitos entrevistados pode-se inferir que há a participação das crianças negras nos eventos da escola. No entanto, durante as nossas observações da/na escola vimos que não há o destaque dessas crianças, elas são incluída, mas não como personagens principais, ficando muitas vezes no aspecto de fazer um numero maior de participantes (figurantes) e em outros momentos fazem a representatividade de personagens em que se leva em consideração a força braçal em sua profissão. Foi o caso da ciranda de roda, que será abordado com mais detalhes no tópico seguinte. A fala a seguir mostra a naturalidade da professora em relação a designação da criança negra para o papel de cozinheira.

[Kelcia] Uma aluna da senhora participou da ciranda de roda?

[Professora B] Foi! Só que aquela questão que ela saiu até de cozinheira, no momento me passou assim na cabeça, mas não foi coisa de professor de colocar profissão relacionada mais pra negro mesmo assim essa coisa, não, não foi visando essa questão. Porque realmente, foi assim eles foram tirando né e ela foi caracterizada dessa forma né, mas no momento algum as professoras, nós né passou pela a cabeça: ah porque assim ela é uma pessoa dessa cor e a cultura é mais pra cozinheira essas coisas pra negro. Não! Até porque foi escolhido assim: fulano vai ser isso, fulano vai ser aquilo, mas não houve questionamento nem da parte da mãe dela né que poderia chegar com a gente não, me passou na cabeça rápido isso sobre a profissão, mas depois... (professora B)

É de grande relevância envolver as crianças negras nos eventos (teatros, desfiles, encenações, brincadeiras e etc.), mas é preciso ir além de inseri-las, é necessário desenvolver práticas pedagógicas que contribua para que as crianças, e não só as negras, mas todas de modo geral, vejam a importância do negro em nossa sociedade. Pois não basta dizer que ser negro é bom, que ele tem seu valor que devemos respeitar porque somos todos irmãos ou que somos todos iguais por tanto ninguém é melhor que ninguém. Não adianta apenas falar, é preciso colocar na pratica mostrar o porquê de sua

importância, pois a valorização só vem a partir do momento que você conhece e a escola deve ter ciência disso.

Outro fato importante da entrevista que vale ser mencionado, foi quando perguntamos as professoras sobre as literaturas infantis, as mais conhecidas e utilizadas na educação infantil e das caracterizações das personagens. Fizemos essas indagações aos entrevistados e o interessante foi que todos acham normais “*eu acho ótimo, pra mim sempre tem que ter em sala de aula*” e nas suas falas percebemos o quanto a escola deixa de lado, e apenas eventualmente trabalham a questão racial em suas aulas e utiliza as literaturas infantis como entretenimento das crianças e/ou para o ensino de alguns conteúdos das disciplinas da Linguagem oral e escrita e da matemática, deixando de lado ou não dando muita importância para as representações sociais em que elas apresentam.

[professora A] A gente conta a historinha do Chapeuzinho vermelho, a branca de neve, então cada uma sempre com um objetivo assim, sempre a gente procura assim, na questão dos três porquinhos, pras crianças conhecerem os números, a matemática aí envolve várias coisa a questão da moradia, das casas.

[Kelcia] O que você acha das caracterizações desses personagens?

[Professora A] Eu acho bom. Não tenho o que reclamar não, dizer há porque eu não gosto. Eu gosto das características deles.

[Kelcia] A características dessas personagens é de qual raça?

[Professora A] Realmente é branca. Sempre é branca, não vem assim o negro mais é branca pessoas mais bonitas né.

[Kelcia] Mas você já se perguntou alguma vez o porquê que todas elas são brancas? Porque que a Chapeuzinho não é negra?

[professora A] Acho que não só ai, nas historinhas, mas no meio, em qualquer lugar, sempre eles escolhem pra ser modelo essas pessoa, então eu tiro por ai deles colocarem o bonitinho, uma loira, branca né, eu acho que aquilo bonito vai chamar mais atenção das crianças. Eu faço comparação assim, porque até no meio do trabalho quando é uma pessoa bem bonita *sempre tem mais vez essa pessoa. (professora A)*

Agindo assim a escola estará coagindo as crianças, já que não cria nenhum aspecto em que há a valorização da identidade negra, pelo contrário continua reproduzindo uma cultura eurocêntrica que ao longo da história vem mascarando a verdadeira história do povo brasileiro. E para que haja uma educação de qualidade a escola precisa respeitar, e quando falamos em respeito, estamos afirmando que a equipe pedagógica não deve silenciar diante de atitudes em que há a sonegação da negritude, mas sim deve desconstruir ideologias de uma raça sobre a outra afirmada em nossa sociedade deste a colonização do nosso país.

O interessante na situação exposto a cima é a normalidade encarada pela professora em relação aos livros infantis, onde acaba achando que essas representações não têm influencias no desenvolvimento da criança. No entanto é preciso que a escola não se prenda em apenas no ensino da leitura e escrita, a educação vai, além disso, é preciso valorizar as relações sociais em que se faz presente no cotidiano das crianças, pois são essas relações que se dão na infância que constitui a nossa identidade. As crianças precisam ser respeitadas e ouvidas dentro da sua singularidade, da sua identidade cultural.

4.3. AS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS NEGRAS NA ESCOLA FONTE DO SABER

O espaço institucional poderá proporcionar discussões verticalizadas a respeito das diferenças presentes, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana, dando maior visibilidade aos seus conteúdos até então negados pela cultura dominante. Esse tipo de ação promoverá um conhecimento de si e do outro em prol da reconstrução das relações raciais desgastadas pelas diferenças ou divergências étnicas (MENEZES, 2002, P. 13).

É comum e muito freqüente, ainda hoje, nas escolas de educação infantil as crianças negras representarem personagens que ao longo da história do povo negro em

nosso país viveram e vivem, não totalmente na condição de escravo, mas são as que menos são vista e chamada para atuarem em papel de destaque seja em qual for o movimento em que a escola promove (jogral, desfile, dramatização, festinha, ou até mesmo no que diz respeito ao sentar na sala de aula (as crianças negras são colocadas na última mesinha ou fila em sala de aula etc.). Parece que muitas escolas estão paradas no tempo fazendo e agindo como no passado, onde os negros não tinham direitos e nem oportunidades de expressar suas vontades e desejos. Apesar de muitas escolas no discurso afirmarem que trabalham numa linha de inclusão para as crianças negras, isso na prática não acontece.

Na EMEI a qual fomos fazer a nossa pesquisa de campo, observamos a escola por completo e muita coisa nos chamou bastante atenção, ao começar pela infraestrutura, e cartazes⁴ que estavam expostos nas paredes. Uma instituição educacional que se preocupa com a inclusão, principalmente na questão racial, é preciso trabalhar numa visão na qual a escola possa atender as necessidades de cada uma das crianças e que todas sejam bem acolhidas não somente por meio da dedicação em cuidar para que nada de “mau” aconteça, mas proporcionar um ambiente onde à criança possa se sentir parte do processo do contexto escolar.

Os eventos dentro e fora da escola reafirmam muito bem a exclusão das crianças negras na educação infantil. No período da nossa pesquisa o município de Mocajuba através da secretaria de educação realizou com as escolas de educação infantil a Ciranda de roda⁵. A escola Fonte do Saber escolheu a música “pobre e rica” para fazer a sua apresentação. As professoras selecionaram oito crianças para a apresentação, sendo que havia apenas duas crianças negras e de acordo com a música escolheram para o papel de professora e médica duas crianças brancas e para o papel de cozinheira a criança negra. Na culminância do projeto a apresentação da escola encerrou com muitos aplausos, talvez porque a platéia não tinha um conhecimento de que ações como essa tem fortes influências na identidade da criança, ou talvez por estarem acostumados com os papéis em que o negro é representado na maioria das novelas, filmes e etc. Por que será que a criança negra não recebeu o papel de professora ou médica na apresentação da música?

⁴ Os cartazes que vimos na EMEI Fonte do Saber fazem referência apenas as crianças brancas, loiras, pardas e em nenhum momento vimos cartazes que tinham representações de crianças negras. Será que a criança negra não percebe essa exclusão de representatividade? Claro que sim. Só que como a escola não está preparada acaba cometendo atitudes irreparáveis e as crianças sem muito poder reivindicar acabam se silenciando diante também do silêncio da escola.

⁵ Evento das escolas de educação infantil em que acontece no mês de agosto no município de Mocajuba. Esse projeto tem como propósito de transmitir histórias, lendas e cultura, com intuito de ajudar no ensino aprendizagem da leitura e escrita das crianças.

E por que justamente a criança negra foi escolhida para ser a cozinheira? Como as crianças negras sentem-se desenvolvendo papéis como esse? Não estamos aqui menosprezando a importância da profissão, mas apenas questionando a submissão em que o negro é colocado em relação ao branco. São atitudes como essas que deverão ser refletidas na hora de fazer as escolhas de nossas crianças para não cometermos constrangimentos à um determinado grupo de crianças.

Apresentamos a seguir um diálogo com a criança que desenvolveu o papel de cozinheira na ciranda de roda:

[Zenildo] O que você quer ser quando crescer?

[criança] Eu quero ser médica

[Zenildo] Porque você quer ser médica?

[criança] Ah! Porque ela é bonita.

[Zenildo] Você não quer ser cozinheira igual da apresentação?

[criança] Eu não

[Zenildo] Você não gostou de ser cozinheira?

[criança] Não, é feio!

É muito importante pararmos para pensar, refletir, analisar, para agirmos de forma consciente na hora de escolher as crianças que representarão determinado papel em comemorações em que a escola promove ou até mesmo nas comemorações cívicas em que todas as escolas do município participam: é o caso da semana da Pátria. Também observamos que muitas das crianças da educação infantil que participaram do desfile tinham representação de acordo com a sua cor devido ao seu processo histórico. Nessa linha vale ressaltar a fala da professora A, com relação ao desfile de sete de setembro⁶.

[professora A] Às vezes tem alunos que eles não querem sair em apresentação, tipo essa questão do negro né!? Aí eu sempre procuro trabalhar né essa questão.

[Kelcia] Qual tipo de apresentação eles não querem sair?

[professora A] Os negros né não querem sair em apresentação que represente o negro, eu acho que é devido ser né da raça negra, aí a gente sempre procura assim... por exemplo tinha apresentação que eles tinham

⁶ No município de Mocajuba, são usados dois dias para promover os desfiles: no dia cinco (dia da raça); desfilam a Educação Infantil e o Fundamental menor e no do dia sete de setembro o Ensino Fundamental maior. Nesse ano o desfile teve como tema “Brasil meu Brasil brasileiro: terra de personalidades mil.

de sair né, então logo eles falavam assim: não, eu não vou sair! Aí tinha que ir acorrentado né!? a gente queria mais eles, na hora, até a mãe mesmo falava pra criança que não era pra sair. Mas da criança mesmo ela já fala que não quer sair.

[Kelcia] Porque você acha que eles, as crianças e os pais, não aceitavam?

[professora A] Ah eu acho assim, que é das pessoas mesmos ter aquele olhar, ah o negro de não defender sua cor né! Sua raça. Teve um que falou que não ia sair mesmo queria sair de soldadinho, queria sair de... Mas de negro ele não queria. E a gente tinha bem poucos na escola aí não tinha jeito, foram bem poucos mesmo.

Nessa fala a professora faz referência ao desfile sete de setembro, onde a criança negra foi escolhida para representar o negro acorrentado na época da escravidão, e por meio de sua fala, podemos notar a resistência dos alunos a não participarem da apresentação. Isso é lógico que aconteça, pois se a criança não ver nenhuma atitude de valorização de prestígio da sua cor, da sua raça na escola, como ela vai sentir-se em apresentações como essas? Daí a importância da instituição educacional trabalhar a cultura afro-brasileira, pois se a escola apenas insere-se em um projeto como o sete de setembro e não trabalha com seus alunos os valores a cultura herdada pelo negro, a criança, e não só elas mas os pais também, como relatou a professora, não vão querer participar de eventos como esse. Por outro lado, a escola antes de inserir-se em um projeto como tal precisa estar claro qual o objetivo do evento e só assim desenvolverá em suas práticas elementos fundamentais para a valorização da cultura afro-brasileira, ou do contrário apenas estará repassando um conceito estereotipado ao longo da história.

O que notamos também, nesse desfile foi o fato que as crianças negras vinham apresentando apenas o negro acorrentado (escravizado) e já na apresentação de portas bandeiras e damas das mesmas, havia somente crianças brancas. Fica aqui uma grande inquietação: as crianças negras não servem para serem portas bandeiras? Porque a representatividade das crianças negras deu-se apenas no que tange a história da escravidão? Podemos inferir que as escolas, ainda assumem um caráter de transmitir nas suas práticas educativas um ensino-aprendizagem de forma europeizada, pois o negro mesmo com todos os direitos conquistados quem ainda tem o total destaque são os considerados brancos.

Nesse sentido, o cotidiano escolar poderá revelar uma inclinação para corresponder ao padrão branco/europeu negligenciando os valores referentes às matrizes africanas, podendo levar à acentuação do *estigma* de ser inferior. Essas ações preconceituosas conduzem a um processo de despersonalização dos caracteres africanos, o que dificulta e, em alguns casos, inviabiliza a inserção da criança no sentimento de pertença ao espaço escolar, comprometendo a sua auto-estima, impossibilitando-a de ter um autoconhecimento individual ou cultura, pois esses dois níveis estão diretamente ligados a condições desvalorizadoras atribuídas pelo grupo dominante (MENEZES, 2002, P. 12).

Esses são alguns exemplos de como o preconceito racial está enraizado nas nossas escolas de educação infantil como também nos de demais níveis de ensino. Então, é preciso que as escolas de educação infantil busquem conscientizar-se da sua fundamental importância no desenvolvimento social da criança e re/crie novas estratégias metodológicas que contribua, de fato, para desenraizar atitudes preconceituosas estabelecidas no cotidiano escolar.

É preciso também que haja cursos de formação continuada para professores, em especial para os que trabalham na educação infantil, referente à implantação da Lei 10.639/03, onde sejam discutidos métodos pedagógicos adequados para a valorização da cultura afro-brasileira na primeira etapa da educação básica. O que se percebe é que mesmo aprovada no ano de 2003, pouco se fala nos corredores das escolas sobre a referida lei. E como no caso da escola pesquisada, quando perguntamos aos profissionais sobre a Lei 10.639/03 foi unânime as respostas afirmando que já tinha visto falar, mas não a conhecia, isso também, nos confirma o descaso, ainda existente, sobre a discussão das relações raciais nos ambientes da educação infantil.

Tal como a escola, a família, também, é muito importante no contexto de valorização da negritude, assim como, no processo de formação e de inclusão das crianças negras no espaço escolar. Fazer com que as crianças entendam e compreendam que indiferentemente de cor, raça e etnia, todos têm seu valor, seu direito e sempre deve prevalecer o respeito mútuo nas relações sociais. Só assim é possível construir uma

sociedade mais justa e igualitária. E quem ganha com tudo isso é a escola, as crianças e a sociedade em geral, pois trabalhar neste contexto de inclusão, onde todos têm voz e vez é a melhor forma de se alcançar uma verdadeira educação igualitária. Ou do contrário, se continuar agindo da mesma forma em que são direcionadas as falas, tratamentos, representações, caracterizações e etc. em relação à criança negra, vamos continuar fortalecendo ainda mais a exclusão do segmento negro em nossa sociedade. Não se trata de educar todos como iguais, mas sim educar na diferença, ressaltando as especificidades. Como afirmam Santos & Costa, não se trata apenas de respeitar a consciência negra, mas resgatar as demais etnias de uma educação envenenada pelos preconceitos. Pois, as memórias que vieram da África, e que hoje se encontram intimamente entrelaçadas em várias dimensões do simbolismo brasileiro, pertencem a todos, sejam brancos ou negros (SANTOS & COSTA, 2010, P. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho, ao possibilitar uma observação das vivências das crianças negras no espaço escolar, demonstrou que estas são marcadas por um silenciamento exacerbado desde a colonização, onde perdurou uma das mais cruéis barbáries enfrentada pela humanidade, que foi a escravidão. Vimos que são diferentes as formas em que ocorre o preconceito racial no espaço escolar, onde na maioria das vezes estão em processos metodológicos tão pouco ouvidos, mas bastante visíveis e sentidas na formação da identidade da criança, identidade essa que ao longo do seu desenvolvimento vai sendo negativizada por parte desse ocultamento da cultura afro-brasileira que poucas vezes, ou nada, são tirados dos “porões” da escola. Como exemplo, desses processos influentes na des/construção da identidade e consciência da criança negra e que circula normalmente no ambiente da educação infantil, aludimos o fato, de que na Escola Fonte do Saber os cartazes que vimos fazem referência apenas as crianças brancas e em nenhum momento vimos cartazes que tinham representações de crianças negras.

Nesse sentido, a escola está contribuindo para a sonegação da identidade da criança negra, levando a crer em um estigma de ser inferior e, em contrapartida, estará correspondendo a uma acentuação maior em relação a padrões branco/europeus. (MENEZES, 2002). O mesmo fato ocorre quando utiliza as literaturas infantis em que há apenas o heroísmo do branco e a desvalorização do negro, expresso em personagens mal, feio, bruxas e etc. É preciso que a escola se atente para esses processos de despersonalização da cor negra, haja vista que a não representação da população negra nos cartazes, livros e até mesmo nas expressões orais é prejudicial a identidade da criança negra.

O trabalho revelou-nos, também, que, mesmo nas entrevistas, as professoras e diretora, afirmarem trabalhar a questão racial, na prática notamos que há certa falta de conhecimentos teóricos para abordar tal temática e em algumas falas percebemos certa preocupação em demonstrar interesse pela a questão do preconceito em sala de aula, mas ao mesmo tempo havia certo comodismo no aspecto de inovação de suas práticas pedagógicas, ficando nas justificativas de que a escola não possui um espaço adequado para trabalhar esse assunto, falta de planejamento específico para essa área, falta de materiais e pela dificuldade de se trabalhar a família, já que se pensa que o preconceito

é algo hereditário. Isso mostra o descaso dos profissionais em abordar tal temática na educação infantil e o descaso do poder público em desenvolver cursos de formação continuada para os professores.

Em relação as entrevistas com os adultos, percebemos certo constrangimento em falar sobre essa temática, principalmente por parte dos profissionais da raça negra, onde em suas falas procuravam enfatizar um conformismo em relação a atitudes preconceituosas dentro e fora da escola. Talvez isso ocorra devido estarem acomodados a vivenciarem tais ações ao longo da sua história e/ou por não terem um conhecimento mais amplo em relação a cultura afro-brasileira. Nessa linha destacamos a fundamental importância à implantação da Lei 10.639/03 nas práticas de ensino da escola, assim como a importância de se discutir tal Lei nos cursos de formação inicial e continuada dos docentes, principalmente para estes que desenvolvem e envolvem no/do trabalho na primeira etapa da educação básica, a educação infantil.

Nas narrativas das crianças foi destaque a denominação delas em relação a cor preta, onde conceituam, que dizer preto é algo errado, afirmado em suas falas que não pode falar preto e sim de morena, cor escura ou pessoa de cor . Na entrevista com foto-imagem constatamos também que tanto as crianças negras como brancas, designam o bonito, o belo, o perfeito e o amigo para aqueles que têm uma característica mais acentuada da raça branca e já para os que apresentam uma característica mais afro-brasileira é visto por elas como negativo. Posto isso, compreendemos que a criança internaliza aquilo que é imposto cotidianamente a ela principalmente nas interações do ambiente escolar. O que a criança vê, é o que ela transmite em suas relações sociais, daí a necessidade da escola desenvolver uma educação emancipatória, é preciso ouvir em vez de silenciar diante de atitudes em que mostra a supremacia de uma raça sobre a outra. A escola pode e deve contribuir para a construção de novas identidades na perspectiva de mudança.

Por fim, a pesquisa desenvolvida no lócus da Escola de Educação Infantil Fonte do Saber, direciona-nos indicativos para uma nova prática pedagógica em que o ensino não seja focado apenas na leitura e escrita, mas uma educação voltada para o enfrentamento da desigualdade e da discriminação racial, no aspecto da valorização e respeito mútuo.

ESCOLAS VISITADAS:

Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil Lauro Sabbá
Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil Alegria do Saber
Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil Odete Sabá
Escola de Regime de Convênio Centro Educacional Batista
Escola Municipal de Educação Infantil Fonte do Saber

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Marcelo. **Afirmção negra e humanização de toda sociedade.** Jornal Mundo Jovem. Porto Alegre/RS. Nº382 Novembro 2007.

BATISTA, Normando. Cultura Negra e Currículo. In: SILVA, Luiz Heron da & AZEVEDO, José Clóvis de (orgs). *Paixão de Aprender*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. 379 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 31.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de Janeiro de 2003.** Inclui a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário oficial da União, Brasília: MEC, 2003.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Texto constitucional de 05 de Outubro de 1988. Brasília, 2006.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2005.

_____. REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. v. 2, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARRANÇA, Flávia. **É possível trabalhar inclusão reconhecendo a diversidade racial.** Revista criança do professor de Educação Infantil. São Paulo. Dezembro 2006.

CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO NEGRO DO PARÁ. **Raça negra: a luta pela liberdade.** Organizadoras: Nilma Bendes, Zélia Amador. -3.ed.rev.e amp. – Belém, 2004.

CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. **O trabalho em sala de aula com a história e a cultura afro-brasileira no ensino de história.** In. História: ensino fundamental/ Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CORSARO, Willian e MOLINARI, Luisa. Entrando e observando nos mundos das crianças. Uma reflexão sobre a etnografia longitudinal da educação de infância em Itália. In: CHARISTENSEN, Pia e JAMES, Allison (orgs) *Investigação com crianças perspectivas e práticas*. Porto, 2005, Escola Superior de Educação de Paulla Frass.

FARIAS, Juliana Barreto. Vozes da escravidão. Revista de História da Biblioteca Nacional. Brasília, Nº 54, Março 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceito presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão.** In: MUNANGA, Kabengele. Educação Anti-Racista: caminhos abertos para Lei 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236p.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdade racial no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

IANNI, Octavio. **A dialética das relações raciais.** Disponíveis em: <http://www.sociologogia.com.br/arti/colab/a16-oiane>. acesso em: 31 de setembro de 2010.

LOPES, Jussara de Cássia Soares; BRITO, Ângela Ernestina Cardoso de. **Desigualdades raciais no Brasil e suas repercussões no processo de formação das crianças negras: uma reflexão sobre o papel da instituição escolar e sobre o serviço social no enfrentamento da questão racial.** Disponível em: WWW. abphe. org.br/ congresso 2003/ textos/ abphe-2003/_ 76. pdf . Acesso em: 27 de agosto de 2010.

MAGNOLE, Demétrio. **Uma gota de sangue : histórica do pensamento racial** .1. ed 2º reimpressão. _ São Paulo:Contexto . 2009

MENEZES, Waléria. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola.** Trabalhos para discussão nº 147/agosto de 2002. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/147.html>. Acesso em 22 de fevereiro de 2010.

MOTT, Maria Lúcia; NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das; VENANCIO, Renato Pinto. **A escravidão e a criança negra.** Ciência Hoje, Rio de Janeiro, nº48,v.8,p.20-23, Nov. 1988.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre a Diversidade e a Identidade Negra no Brasil. In: MINISTÉRIO, da Educação e di Desporto, Secretaria de Educação

Média e Tecnológica. *Diversidade na Educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003. 170 p.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **O livro que vó Madá escreveu na memória: Histórias do antigo quilombo do Mola**. Cameté-Pa: BCMP, 2009.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto. Os Remanescentes de Quilombolas na Região do Tocantins (PA): História, Cultura, Educação e Lutas por melhores condições de vida. In: **Dimensões da Inclusão no Ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, pp. 271-302

PINTO, Maria Isonildes Fernandes; SANTOS, Nelma do Socorro Pinto dos. Memórias da Educação em Mocajuba. In. **Das Memórias à História: cotidiano, trabalho e cultura em Mocajuba**/ Coordenação Agenor Sarraf Pacheco. Mocajuba, julho/ 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jcques. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Difel, 1979.

SANTOS, Anderson Oramísio; COSTA, Olga Helena. Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil: implementação da Lei 10.639/03. Disponível em: www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11RELAÇÕES-ÉTNICO-RACIAIS-NA-EDUCAÇÃO-INFANTIL.pdf.

SILVA, Maria Cristina da; ALVES, Celeuta Batista; SANCEVERO, Marisilda Sacani. **Abordagem Histórica das políticas públicas da educação da criança negra**. Disponível em: WWW. Simposioestadopoliticas. Ufu.br/imagens/anais/pdf/cc03.pdf. Acesso em 29 de outubro de 2011

TELES, Carolina de Paula. Linguagem Escolar e a Construção da Identidade e Consciência Racial da criança Negra na Educação Infantil. Disponível em: WWW. Revistas. Univerciencia.com.br. Acesso em 08 de outubro de 2011.

TENÓRIO, Aleir Ferraz; GASPARIN, João Luiz. Educar para a diversidade: desafios de uma prática escolar. Disponível em: WWW.pucpr.br/eventos/educare/educare2009/anais/pdf/1912_1112.pdf. Acesso em 29 de outubro de 2011.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**, São Paulo, Martins Fontes, 1984.

ZERO. Arethusa Helena. **Igenus, Libertos, Orfãos e a Lei do Ventre Livre**. 2003. Disponível em: www.abphe.org.br/congresso2003/textos/Abphe_2003_76. Acesso em 28 de agosto de 2010.